



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FRANKLIN MAUÉS DA COSTA

**O RAP COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO E PENSAMENTO
CRÍTICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS PERIFÉRICAS DE BELÉM**

Belém - Pará
Abril/2025

FRANKLIN MAUÉS DA COSTA

**O RAP COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO E PENSAMENTO
CRÍTICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS PERIFÉRICAS DE BELÉM**

Trabalho de Conclusão de Curso formulado para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, junto à Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Professor Titular Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa.

Belém – Pará
Abril/2025

FRANKLIN MAUÉS DA COSTA

O RAP COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO E PENSAMENTO CRÍTICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS PERIFÉRICAS DE BELÉM

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Professor Titular Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, desenvolvido sob a forma de Artigo Científico, nos termos do art. 4º, V, da Resolução nº 01, de 22 de outubro de 2024, apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia.

APROVADO EM: 10/04/2025.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Titular Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa
Orientador – UFPA

Prof^a. Dr^a. Eliana da Silva Felipe
Examinadora Interna – UFPA

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M447r Maués Da Costa, Franklin.
 O RAP COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO E
 PENSAMENTO CRÍTICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS
 PERIFÉRICAS DE BELÉM / Franklin Maués Da Costa, . — 2025.
 62 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Instituto de Ciências da Educação, Faculdade de Educação,
Belém, 2025.

1. Educação pública. 2. Rap (Música). 3. Juventude e
cultura. 4. Música e educação. 5. Cultura hip-hop. I. Título.

CDD 370.01098115

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso contou com o apoio e a contribuição de muitas pessoas, às quais expresso minha sincera gratidão: Ao Professor Titular Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, que ao longo desses meses me acompanhou e orientou com dedicação, oferecendo todo o suporte necessário para o desenvolvimento deste projeto.

Aos meus amigos do curso, André, Renata, Ranyelle, Aldo, Eliali, Raíssa e meu amigo Edésio, que partiu durante nossa jornada na graduação. Todos foram importantes e especiais durante esse trajeto, obrigado por compartilharem risadas, lágrimas e conquistas durante esses anos.

Aos meus pais, Maria Maués e Oscar Pantoja, à minha irmã Fabiola Maués, obrigado pelo incentivo constante, pelo apoio incondicional e por nunca permitirem que eu desistisse, mesmo diante das dificuldades.

À Nayane que me acompanhou parte dessa jornada, com amor, compreensão e incentivo.

A todos que participaram das pesquisas nas escolas, contribuindo com disposição e colaboração no processo de coleta de dados, tornando possível a realização deste estudo.

Aos meus amigos de longa data, Dandara, Almir, Aurio, Robson, Arthur, Isaias, Lukas, Rafael, Nobre e Diego. Obrigado pela amizade que atravessa o tempo, os silêncios e as distâncias.

A todos, o meu mais profundo agradecimento.

DEDICATÓRIA

À memória do meu amigo Edésio e da minha tia Sónia, que partiram durante o percurso desta caminhada.

O sistema manipula sem ninguém saber
A lavagem cerebral te fez esquecer
Que andar com as próprias pernas não é difícil
Mais fácil se entregar, se omitir
Nas ruas áridas da selva
Eu já vi lágrimas demais, o bastante pra um filme de guerra.
(Racionais MC's. **Sobrevivendo ao inferno**. Periferia é Periferia, 1997.)

RESUMO

Com esta pesquisa, visou-se compreender a origem histórica do rap, as influências exercidas no contexto brasileiro e sua importância pedagógica na formação do pensamento crítico de jovens e adultos das escolas públicas periféricas localizadas no município de Belém, Estado do Pará. Como se originou o rap enquanto gênero musical e quais as suas principais influências no Brasil? Qual é a compreensão dos educadores das escolas periféricas de Belém em relação ao papel do rap como instrumento para promover reflexão e pensamento crítico entre os alunos? Como as letras e temáticas das músicas de rap influenciam a conscientização social dos alunos das escolas periféricas de Belém em relação a questões como desigualdade, discriminação, violência e justiça social? Quais são os principais desafios enfrentados para assegurar a inclusão do rap como conteúdo das atividades curriculares realizadas nas escolas públicas periféricas do município de Belém? Estudo desenvolvido a partir de fontes bibliográficas, documentais e aplicação de formulário eletrônico contendo perguntas fechadas, delimitando-se sua abrangência no período de 1970-2024. Concluiu-se, que o rap é mais do que um gênero musical: é uma ferramenta educativa importante na sociedade, capaz de promover o pensamento crítico e estimular o protagonismo juvenil. Sua inclusão nas práticas pedagógicas pode tornar o processo de ensino mais significativo, aproximando os conteúdos escolares da realidade dos alunos e contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos. Recomenda-se, assim, que as escolas invistam em projetos que integrem o rap ao currículo e promovam o diálogo entre cultura, educação e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Rap, Conscientização Social, Educação, Periferias, Reflexão Crítica.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Escola A	p. 28.
Gráfico 2 – Escola B	p. 28.
Gráfico 3 – Escola A	p. 29.
Gráfico 4 – Escola B	p. 30.
Gráfico 5 – Escola A	p. 34.
Gráfico 6 – Escola B	p. 34.
Gráfico 7 – Escola C	p. 35.
Gráfico 8 – Escola A	p. 36.
Gráfico 9 – Escola B	p. 36.
Gráfico 10 – Escola C	p. 37.
Gráfico 11 – Escola A	p. 43.
Gráfico 12 – Escola B	p. 44.
Gráfico 13 – Escola C	p. 44.
Gráfico 14 – Escola A	p. 45.
Gráfico 15 – Escola B	p. 45.
Gráfico 16 – Escola C	p. 46.
Gráfico 17 – Escola A	p. 47.
Gráfico 18 – Escola B	p. 47.
Gráfico 19 – Escola C	p. 48.
Gráfico 20 – Escola A	p. 54.
Gráfico 21 – Escola B	p. 54.
Gráfico 22 – Escola C	p. 55.

LISTA DE SIGLAS

ANDIFES – Associação dos Dirigentes das Instituições Federais

DJ – Disc Jockey

ICED – Instituto de Ciências da Educação

MC's – Mestres de Cerimônias

NEPEC – Núcleo de Pesquisas e Estudos em Currículo

RAP – Rhythm and Poetry

UFPA - Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	09
LISTA DE SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	12
ORIGEM HISTÓRICA DO RAP E SUAS INFLUÊNCIAS NO BRASIL	19
RITMO E POESIA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: O PAPEL DOS EDUCADORES NA INCLUSÃO DO RAP	26
A PODEROSA FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO SOCIAL: O RAP	39
DESAFIOS E BARREIRAS INSTITUCIONAIS PARA A INCLUSÃO DO RAP NAS ESCOLAS PERIFÉRICAS	51
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

O rap ocupa um papel significativo na vida de muitas pessoas, despertando o interesse pela conscientização social e pela reflexão crítica sobre questões sociais. Ao evidenciar em suas letras o caráter combativo em forma de estilo musical, seus ritmos ultrapassam meramente o entretenimento, tornando-se uma ferramenta poderosa de expressão e resistência.

Por meio de suas letras e melodias, penetra e reflete o cotidiano desafiador dos moradores das favelas e periferias do Brasil e do mundo, dando voz às suas experiências e lutas. Essa forma de expressão conhecida como 'ritmo e poesia', não apenas narra histórias, mas também carrega consigo múltiplas críticas que revelam as mazelas sociais e as injustiças presentes em nossa sociedade. Como uma voz autêntica do povo da periferia, o rap dialoga de maneira direta e impactante com a sociedade brasileira, servindo como um espelho das realidades negligenciadas e uma chamada à ação para a transformação social.

A cidade de Belém, capital do Estado do Pará, enfrenta uma realidade socioeconômica difícil, especialmente em suas áreas periféricas, onde há uma concentração significativa de população de baixa renda. Nesses locais, os jovens são afetados por uma série de dificuldades em seu cotidiano. Diante desse contexto, torna-se relevante investigar o papel do rap nas escolas públicas existentes em áreas periféricas.

Esta pesquisa é essencial para a Universidade Federal do Pará (UFPA), já que promove a educação inclusiva, algo fundamental considerando que a instituição está inserida em uma área periférica. Segundo dados da V pesquisa sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes das universidades federais, publicada pela Associação dos Dirigentes das Instituições Federais (ANDIFES) em 2018, a maioria dos estudantes tem uma renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio. Além disso, a maioria dos estudantes se declara como pretos, pardos ou indígenas, e a maior parte cursou o ensino médio em escolas públicas.

Ao Instituto de Ciências da Educação e à Faculdade de Educação, esta pesquisa amplia estratégias pedagógicas, promovendo a reflexão crítica e a conscientização social entre os estudantes. Os resultados alcançados poderão fornecer contribuições significativas às atividades de pesquisa e extensão do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Currículo (NEPEC), especialmente no desenvolvimento de políticas educacionais mais abrangentes.

No contexto das áreas periféricas, o rap age como uma forma de expressão e resistência, oferecendo aos jovens uma base para reflexão e pensamento crítico. A música, além de ser uma forma de arte acessível, desempenha um papel importante na construção da identidade e na articulação de narrativas que refletem as realidades vivenciadas por esses estudantes.

Como gênero musical oriundo nas periferias urbanas, carrega consigo uma carga de contestação e denúncia das injustiças sociais. Suas letras abordam questões como violência, racismo, desigualdade e falta de oportunidades, oferecendo um espaço para que os jovens expressem suas vivências e reivindiquem seu lugar na sociedade.

O conceito de "periferia" tem sido ressignificado, não se limita mais a ser associado apenas a "pobreza e violência", como era comum no discurso oficial e acadêmico. Pelo contrário, passa também noções de "cultura e potência". Essa redefinição confronta diretamente a visão tradicional e estigmatizada da periferia como um espaço marginalizado e problemático. Em vez disso, reconhece-se o potencial criativo, cultural e político dessas comunidades, desafiando assim a lógica genocida do Estado.

Por meio da elaboração coletiva de novas formas de expressão e narrativa, os moradores das periferias estão reivindicando sua voz e sua agência dentro da sociedade (D'andrea, 2013, p.18). A reflexão do autor, ao enfatizar a importância da elaboração coletiva de novas formas de expressão e narrativa, destaca-se o papel desse estilo musical como um instrumento de empoderamento para os moradores das periferias. Assim, não apenas proporciona uma voz para os jovens e adultos, mas também os ajuda a reivindicar sua voz dentro da sociedade, assim também como na análise do autor sobre a ressignificação do conceito de "periferia" é fundamental para compreendermos as dinâmicas sociais e culturais das comunidades marginalizadas. Ao destacar que a periferia não deve ser reduzida apenas ao reflexo de "pobreza e violência, mas ilustrar também que é um local de cultura vivida, contrariando à visão tradicional que associa a problemas sociais.

Embora o rap e as letras de suas músicas sejam de grande forma de expressão cultural e social na sociedade, muitas vezes são negligenciados dentro dos espaços mais tradicionais. Isso ocorre devido a uma série de razões, incluindo preconceitos e estereótipos associados ao gênero musical, bem como à exclusão de suas temáticas e formas de expressão. No contexto educacional, por exemplo, o rap e suas letras raramente são incluídas como conteúdo didático nas atividades do currículo escolar ou aos programas de estudo. As instituições de ensino tendem a privilegiar obras consideradas "clássicas" enquanto distanciam o rap a um status de entretenimento fútil. Essa exclusão limita o acesso dos

estudantes a uma variedade de formas de expressão cultural e reforça as desigualdades de representação no sistema educacional.

A partir das periferias urbanas, surge o termo "Literatura Marginal Periférica". Essa expressão é uma fusão de dois conceitos: a "literatura marginal", que teve origem na década de 1970 com a Poesia Marginal, e a "literatura periférica", que surgiu posteriormente, nas décadas de 1980 e 1990. O termo "Literatura Marginal Periférica", se refere a uma produção literária que surge das margens da sociedade e que traz as vozes e o cotidiano das periferias urbanas para o centro das discussões literárias e culturais. Um dos principais autores desse movimento é o escritor Ferréz. A literatura marginal periférica amplia as perspectivas da literatura ao apresentar novas formas de expressão que não se enquadram nos padrões estabelecidos pelos clássicos da literatura, pois valoriza obras e autores que trazem à tona as vivências e realidades das periferias, frequentemente negligenciadas ou ignoradas pela literatura tradicional. Assim, Ferréz diz:

Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto (Ferréz, 2005, p. 9).

O grupo Racionais MC's na cena do rap nacional brasileiro, tem um papel fundamental para entendermos como esse gênero musical se tornou um símbolo de resistência para aos moradores das comunidades periféricas, diferentemente de tentar conciliar com o que é comum, esses artistas optam por uma postura que vai na direção oposta, buscando romper com o que é tradicionalmente aceito. Priorizam por uma postura de ruptura, enfatizando a construção de uma identidade negra que desafia o projeto de nação mestiça.

A esse respeito, deve-se considerar que “A aposta dos Racionais está na construção de uma identidade formada a partir da ruptura com essa tradição conciliatória, por meio da afirmação de uma comunidade negra que se desvincula do projeto de nação mestiça concebido até então” (Oliveira, 2018, p. 28). Com isso, podemos perceber como o Rap não apenas reflete as experiências e realidades das comunidades periféricas, mas também desafia, propiciando uma reflexão crítica sobre as questões étnicas, sociais e políticas. Essa abordagem ressalta a importância do rap como um instrumento de reflexão crítica nas escolas periféricas, onde os estudantes podem encontrar nesse gênero musical uma forma de expressar suas vivências, identidades e criar outras perspectivas de mundo.

Ao analisar suas letras, é possível perceber uma narrativa que confronta as injustiças sociais, denunciando a violência, a marginalização e a discriminação racial enfrentadas pelas populações negras nas periferias urbanas. Uma de suas letras de músicas chamada “capítulo 4, versículo 3”, no álbum *Sobrevivendo ao inferno*, lançado no ano de 1997, revela uma realidade dolorosa enfrentada pela população negra nos subúrbios do Brasil. Ao apresentar estatísticas como “60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial” e “a cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras”, “Primo Preto” o personagem retratado na música, expõe as profundas desigualdades e injustiças enfrentadas por essa comunidade.

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente (Brown, 1997)

Ao trazer estatísticas sobre violência e exclusão social, a música não apenas denuncia essas realidades, mas também instiga uma profunda reflexão sobre as causas e consequências desses problemas.

De acordo com Bertelli (2012, p. 218.) as letras do grupo Racionais MC's serve como um instrumento para dar voz e visibilidade àqueles que são marginalizados e esquecidos pelo Estado. Assim, o uso de suas letras e seu compartilhamento como um “rap político” amplia a mensagem de resistência e denúncia das injustiças presentes na sociedade, mas também estabelece uma conexão profunda entre os membros das comunidades periféricas.

Essas letras compartilhadas fortalecem os laços culturais e a resistência contra opressões. Isso reflete o uso do rap como ferramenta cultural poderosa, criticando o racismo e as desigualdades, enquanto eleva a autoestima das comunidades negras das favelas brasileiras (Gutierrez, 2015, p. 59).

Apesar de outros grupos e artistas discutirem questões como desigualdade social, racismo, violência e criminalidade, a expressividade e diversidade de abordagens encontradas nas músicas dos Racionais MC's são notáveis. Isso transmite que o grupo não apenas levanta essas questões, mas também contribui para um debate mais amplo e diversificado sobre essas questões na cultura brasileira contemporânea.

É indiscutível que o rap vai além de sua dimensão artística, assumindo o papel de suma importância para expandir as vozes dos marginalizados. Diante disso, faz-se necessário

investigar de que forma o rap influencia a conscientização social e o desenvolvimento da capacidade crítica dos jovens e adultos das escolas públicas periféricas de Belém.

A pesquisa tem como referências os seguintes problemas:

1. Como se originou o rap enquanto gênero musical e quais as suas principais influências no Brasil?
2. Qual é a compreensão dos educadores das escolas periféricas de Belém em relação ao papel do rap como instrumento para promover reflexão e pensamento crítico entre os alunos?
3. Como as letras e temáticas das músicas de rap influenciam a conscientização social dos alunos das escolas periféricas de Belém em relação a questões como desigualdade, discriminação, violência e justiça social?
4. Quais são os principais desafios enfrentados para assegurar a inclusão do rap como conteúdo das atividades curriculares realizadas nas escolas públicas periféricas do município de Belém?

Quanto ao objetivo geral, intentou-se compreender a origem histórica do rap, as influências exercidas no contexto brasileiro e sua importância pedagógica na formação do pensamento crítico de jovens e adultos das escolas públicas periféricas localizadas no município de Belém, Estado do Pará.

São objetivos específicos: 1. Identificar os principais marcos históricos relacionados ao rap no contexto internacional e no Brasil. 2. Analisar a proximidade dos educadores das escolas públicas periféricas de Belém em relação as letras e temas sobre o rap e sua disposição para a inclusão em suas práticas pedagógicas. 3. Avaliar como os alunos que frequentam essas instituições escolares relacionam as mensagens transmitidas pelas letras e temas das músicas de rap às suas próprias experiências e realidades sociais. 4. Conhecer e analisar as possíveis barreiras institucionais, como políticas educacionais e administrativas que podem impossibilitar a inclusão do rap como conteúdo pedagógico das atividades curriculares praticadas nesses espaços escolares.

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa e foi desenvolvida a partir da escolha do tema. Realizou-se a pesquisa ao longo do segundo semestre de 2024, concentrando-se na análise de artigos acadêmicos, livros, monografias e teses disponíveis em repositórios na internet, como RIUFPA, SciELO Google Acadêmico e Periódicos UFPA.

Os artigos acadêmicos, monografias e teses serão examinados para compreender tanto a origem e influências do rap no Brasil, bem como saber se esse gênero musical tem

sido utilizado como ferramenta de expressão política e resistência dentro dos espaços institucionais das salas de aulas das escolas públicas.

Através dos livros, serão estudadas as letras de rap como textos que estimulam a reflexão crítica. Além da análise documental, serão aplicados os questionários, sob a forma de formulário eletrônico, destinados a alunos e professores das escolas públicas periféricas de Belém. Esses questionários visam coletar dados sobre as percepções dos estudantes e educadores em relação ao rap e seu impacto no desenvolvimento do pensamento crítico. Por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso, a pesquisa foi conduzida sem financiamento de agências de fomento científico.

Para efetivação desta pesquisa, previmos a utilização de diversos documentos como fontes históricas, incluindo artigos acadêmicos, livros, monografias e teses que abordam o papel do rap e da cultura hip-hop na educação e na conscientização social, publicados entre 2002 e 2023; letras de músicas de rap dos últimos 30 anos, com ênfase em artistas que têm forte impacto nas periferias; dados estatísticos e relatórios sobre violência, desigualdade e discriminação racial no Brasil, especialmente focados nas regiões periféricas. Estes documentos serão analisados para identificar as principais temáticas e mensagens transmitidas sobre o rap, bem como sua relevância e impacto no contexto das escolas periféricas de Belém.

Para esta pesquisa, houve utilização de diversos documentos como fontes históricas, incluindo artigos acadêmicos, livros, monografias e teses que abordam o papel do rap e da cultura hip-hop na educação e na conscientização social, publicados entre 2002 e 2023. Letras de músicas de rap dos últimos 30 anos, com ênfase em artistas que têm forte impacto nas periferias; dados estatísticos e relatórios sobre violência, desigualdade e discriminação racial no Brasil, especialmente focados nas regiões periféricas. Estes documentos foram analisados para identificar as principais temáticas e mensagens transmitidas sobre o rap, bem como sua relevância e impacto no contexto das escolas periféricas de Belém.

O intervalo histórico abrange as décadas de 1970 até 2024, pois esse período inclui o surgimento e a consolidação do rap como uma forma de expressão no Brasil. Esse recorte temporal permite compreender a evolução do rap e sua crescente influência nas periferias, incluindo o impacto nas gerações mais jovens.

No andamento da produção escrita, elaborou-se a introdução; houve captura e análise das fontes documentais e bibliográficas; elaboração das seções do texto; formulação das conclusões; revisão geral do texto e seu encaminhamento ao orientador, visando-se a realização da sessão de defesa.

O presente artigo é composto por quatro seções que contextualizam e abordam a temática do rap, cada uma explorando aspectos cruciais da inclusão do gênero musical como uma ferramenta educacional. A primeira, abordou o surgimento e a evolução do rap, desde suas raízes no Bronx dos anos 70 até sua expansão global e impacto no Brasil. O rap começou como uma forma de expressão cultural e resistência nas periferias de Nova Iorque, com pioneiros como Kool Herc e Coke La Rock, influenciado pelo toasting jamaicano e o reggae. Exploraremos como o gênero se tornou um fenômeno mundial, com a ajuda de grupos como Sugarhill Gang, e como chegou ao Brasil no final dos anos 80. Destacaremos a influência da cultura hip hop americano, o papel dos bailes black, e a contribuição de grupos como Racionais MC's para a popularização e adaptação do rap no contexto brasileiro. Oferece uma visão sobre a transformação do rap de uma forma de resistência para um impacto cultural significativo no Brasil.

A segunda seção, focou na perspectiva dos educadores em relação ao uso do rap como recurso educacional. Será realizada uma análise para entender como os professores veem a importância do rap e utilizam como um instrumento pedagógico para estimular a reflexão crítica dos jovens e adultos periféricos. Com isso, os resultados indicam que as músicas que falam diretamente às suas experiências e vivências, tornam o aprendizado mais relevante e significativo para os alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades de linguísticas e de escrita; desenvolvimento de uma compreensão mais profunda das realidades que os cercam e a pensar criticamente sobre essas questões, além da familiaridade com o gênero musical, que facilita a participação e o interesse nas atividades escolares.

Segundo Soares (2009 apud Matos; Baroni; Coelho, 2023, p. 4), o interesse dos alunos ao lerem obras que retratam o seu cotidiano, irá funcionar como um reforço potencializador positivo e despertar interesse nos conteúdos propostos em sala de aula. Por outro lado, afirma que:

Ao investir, inicialmente com certo receio, em leituras de trechos de obras consideradas 'marginais' ou 'periféricas' pude notar que os alunos, especialmente os considerados menos interessados por leitura (e também por outros conteúdos curriculares), demonstraram atenção e curiosidade por um tipo de texto que, em princípio, não é direcionado para o leitor escolar (Soares, 2009, p. 19).

A terceira seção, explora o surgimento e o desenvolvimento do movimento hip hop em Belém, destacando sua evolução histórica, o impacto cultural e sua importância nas comunidades periféricas, pois, o Rap é considerado a "voz" do Hip Hop, sendo o meio pelo qual os artistas expressam suas experiências, pensamentos e críticas sociais. Com isso, entrando na cena do hip-hop, a princípio, esse gênero marcou o início de uma caminhada

cultural e social nas comunidades periféricas de Belém. Ao longo de sua trajetória, o movimento marcou não apenas a música, mas também a dança, o grafite e a moda, influenciando o espaço urbano como a estética urbana e fortalecendo a união com a cultura afrodescendente da região. Além disso, esta seção realizará uma análise das letras e temáticas das músicas de rap, investigando como esses elementos musicais contribuem para a conscientização social dos alunos. As letras de rap funcionam como veículos de crítica e reflexão sobre injustiças sociais, políticas e culturais. Isso demonstra como esse gênero musical pode ser utilizado como uma arma para promover a reflexão e o pensamento crítico nas escolas periféricas de Belém, abordando temas como violência, racismo e desigualdade social.

Na quarta seção, foram identificados e discutidos os principais desafios institucionais que dificultam a implementação do rap no ambiente escolar. Esta seção explorará as dificuldades nos que diz respeito às políticas educacionais rígidas e resistências administrativas para a inclusão do gênero musical nas escolas. Tendo em vista que, administradores e gestores escolares podem ter certos tipos de preconceitos contra esse gênero musical, pois, a realidade é que o movimento ainda enfrenta preconceitos e estigmatizações dentro do ambiente escolar, dificultando sua aceitação como ferramenta pedagógica. Além disso, O currículo padrão das escolas pode ser um obstáculo, sendo assim, não costuma incluir espaço para formas de expressão cultural e muitos professores não têm conhecimento sobre como o rap pode ser usado como um instrumento educacional, o que torna difícil integrá-lo de maneira eficaz nas aulas.

1 ORIGEM HISTÓRICA DO RAP E SUAS INFLUÊNCIAS NO BRASIL

O RAP advém originado na cultura hip-hop. Tendo em vista que o termo hip-hop atribui um conjunto cultural muito amplo no que diz respeito apenas à música. Não é apenas um gênero musical, mas sim um movimento cultural que engloba quatro principais elementos: o rap, a arte urbana como o grafite e a dança (break). O rap é a parte musical do hip hop. Especificamente com a prática de rimar sobre as batidas. Mas, entrando no contexto do seu movimento como origem musical, sua prática possui suas raízes na Jamaica, nos Anos de 1960 com forte influência jamaicana com a prática de toasting (recitar rimas sobre batidas) começou a se desenvolver, especialmente com a música reggae, e foi levado para

os Estados Unidos, no bairro do Brooklyn na década de 70. Diretamente ligado a imigração no país, surge/ emerge nos bairros mais pobres de Nova Iorque.

O principal pioneiro do movimento surgiu nas periferias de Nova Iorque, no bairro do Bronx, no dia 11 de agosto de 1973 disc-jockey (DJ) Kool Herc e seus familiares organizaram uma festa em sua residência. Essa festa ficou marcada como o nascimento do Hip Hop. O (DJ) percebeu que o público se divertia quando tocava a parte rítmica das músicas de James Brown, especialmente no uso de "breaks" durante a melodia. Dessa maneira Herc tirou a agulha dos toca-discos, produzindo os primeiros Scratches e possíveis remixes de músicas. Ao vivo, durante sua performance, na mesma noite, o Coke La Rock, pegou o microfone e começou a rimar por cima das batidas de Herc para animar o público, e foi nesta noite que nasceu o RAP. Coke é considerado o primeiro mestre de cerimônia da história do Hip Hop.

No contexto das festas de rua, esses elementos do hip-hop como as batidas, o grafite, as rimas e as danças se uniam de maneira harmoniosa pelas periferias dos Estados Unidos. Vale ressaltar que durante esse período, as diferenças entre o DJ e o MC e suas respectivas funções ainda não eram bem definidas. Mas com o tempo, essa distinção foi se tornando mais clara à medida que cada um se especializava em seu papel: o DJ focava na criação e mixagem do som, enquanto o MC se dedicava ao microfone e à transmissão de mensagens. Anteriormente pelo qual a origem da palavra RAP ficou conhecida, vale enfatizar que as festas não eram exclusivamente de rap, mas sim ambientes onde práticas como o rap começaram a surgir devido à liberdade para se expressar e encontrar uma identidade.

No contexto do surgimento como gênero musical, suas letras/origem emergiu de moradores periféricos no qual viviam em cenários de Pobreza e desigualdade, as condições de vida eram precárias, as comunidades afro-americanas e latinas enfrentavam racismo, que se manifestava em diferentes aspectos da vida, desde a falta de oportunidades educacionais e de emprego até a violência policial.

Suas letras eram como mensagens transmitidas em forma de se tornarem visíveis na sociedade, os artistas descrevem suas experiências de vida de maneira autêntica e direta. "O rap surge como o grito de quem sempre se viu silenciado, a denúncia de quem sempre foi negligenciado. Rap é compromisso, é mensagem, é resistência" (Guimarães, 2023, p. 8).

As letras frequentemente abordam temas como violência, desigualdade social, racismo e a luta por dignidade, refletindo a realidade vivida por muitos jovens nas periferias. "O rap surge entre as minorias, dando voz e imagem a periferia, permitindo a ela expressar sua realidade com propriedade e suas origens com orgulho" (Guimarães, 2023, p. 28)

Sua origem no Bronx foi um marco significativo na história da música, marcou a transição do gênero de uma expressão cultural local oriunda das periferias, para um fenômeno musical global. Pois, começou a ganhar popularidade fora do Bronx, com grupos como Sugarhill gang lançando *Rapper's Delight* (1979), que se tornou um dos primeiros sucessos comerciais do gênero. A canção foi inovadora por ser uma das primeiras a trazer o rap para o mainstream, utilizando uma batida de disco e letras que falavam sobre festas e estilo de vida.

Rapper's Delight foi gravada em um momento em que o rap ainda era uma forma de expressão relativamente nova. A canção foi lançada pela gravadora Sugar Hill Records, que foi uma das primeiras a promover o hip hop no mainstream. Ela alcançou um público muito mais amplo do que as gravações anteriores de rap, ajudando a introduzir o gênero a ouvintes fora das comunidades urbanas. Isso foi crucial para a aceitação do rap como uma forma legítima de música. O sucesso comercial do rap incentivou gravadoras a investir mais no gênero, levando ao surgimento de novos artistas e grupos. Com a popularização, o rap começou a se diversificar em subgêneros e estilos, incorporando diferentes influências musicais. Isso abriu espaço para uma variedade de vozes e narrativas dentro do gênero musical

Em 1980 a diversificação do rap foi um período crucial na evolução do gênero, Grupos como Run-D.M.C e Public Enemy sugeriram como figuras importantes nesse período. Run-D.M.C. trouxe uma nova estética ao rap, misturando elementos do rock com hip hop, como evidenciado em sua colaboração com Aerosmith na música *Walk This Way*.

Public Enemy, por outro lado, usou suas letras para abordar questões de injustiça social, racismo e empoderamento da comunidade negra, consolidando o rap como uma forma de ativismo. Em uma de suas composições musicais destaque-se a música *Fight the Power* com seguinte refrão “Lute contra o poder! Lute contra o poder! Lute contra o poder!” (Public enemy, 1989, tradução nossa). Essa repetição enfatiza a urgência e a necessidade de resistência contra a opressão e a injustiça na sociedade atual. A música se tornou um hino do movimento pelos direitos civis, especialmente após ser apresentada no filme *The Right Thing*, de Spike Lee.

A década de 1990 representa um marco muito significativo na história do rap. Sendo denominada como “época de ouro”. Foi um período em que o gênero se consolidou como uma força cultural e política significativa nos Estados Unidos. Durante essa mesma década, o rap também começou a se firmar no Brasil, refletindo e respondendo às realidades sociais e políticas do país.

Nos Estados Unidos, Artistas como Tupac Shakur e The Notorious B.I.G. Não apenas popularizaram o gênero, mas também abordaram questões como desigualdade racial, violência e a luta por direitos civis. Pois, suas músicas muitas vezes passavam mensagens de frustrações e aspirações de uma geração que vivia sob a opressão racial, servindo de inspirações em diversos países na América. Portanto, se fazendo presente em reafirmar suas origens, sua cor e suas lutas diárias. como destaca Delphino:

A partir do momento em que ele surge, é protagonizado, e majoritariamente composto, pela comunidade de mulheres negras e homens negros, passando a ter uma relevância como manifestação política dessa população. Não obstante, por ser um gênero musical, a crítica à realidade acompanha as letras para além das fronteiras territoriais, unindo reivindicações de populações marginalizadas na América Latina e em lugares nos quais o hip-hop se faz presente. (Delphino, 2020, p. 31).

No Brasil, o rap começou a ganhar destaque no final dos anos 1980, influenciada por diversos fatores culturais e sociais. Sua influência está diretamente ligada pelo hip-hop norte-americano, especialmente pelas mensagens de visibilidade e políticas presentes nas letras dos rappers de Nova Iorque. A origem de sua caminhada no país e sua popularização foi através dos bailes black, que eram festas promovidas por equipes de som e que misturavam funk, soul e hip-hop. Eram festas que promoviam a cultura negra. Nos bailes, havia uma fusão de ritmos. O funk carioca, que já era popular, se misturava com o soul e o hip-hop, criando um ambiente musical diversificado. Essa mistura permitiu que o rap, que já estava em ascensão nos Estados Unidos, encontrasse um espaço no Brasil. como expõe Guimarães (2023) O rap chega ao Brasil através dos bailes black, onde a cultura hip-hop começa a se misturar com as vivências e ritmos locais, criando uma nova forma de expressão.

Com o tempo, o rap começou a ganhar um status cultural autônomo, especialmente a partir dos anos 1990, quando se começou a notar uma distinção entre funk e rap, que antes eram considerados sinônimos. Segundo Vianna (1990 apud Delphino, 2020, p. 32), o funk carioca nasce de uma readaptação do funk norte-americano, misturado a uma gama de elementos da cultura popular diversa da periferia do Rio de Janeiro. O que também se aplica ao rap, que incorporou elementos culturais nacionais e criou um estilo brasileiro legítimo e original.

Em 1990 o gênero se firmou como um movimento cultural relevante no país. Artistas como Racionais MC's, MV Bill e Sabotage emergiram, trazendo letras que abordavam questões como desigualdade social, racismo e violência, Temas que falavam diretamente à realidade da população negra e das classes oriundas das periferias.

O Grupo Racionais ganhou bastante destaque dentro do cenário brasileiro por ser porta-vozes das questões sociais e políticas enfrentadas pelas comunidades periféricas. De acordo com Jorge Nascimento:

E as mensagens poéticas do RAP dos Racionais vêm contundentes, belicistas, reivindicam exigindo, pedem ameaçando, vociferam as constrangedoras mensagens que, para ouvidos delicados, podem parecer aterradoras; que, segundo outras percepções, agridem por serem grosseiras, misóginas, e que, por incrível que possa parecer, essencialização questões raciais em modelos exógenos, importados dos Estados Unidos. (Nascimento, 2011, apud Guimarães, 2023, p. 11)

O trecho sugere uma dimensão política nas letras dos Racionais MC's. As mensagens descritas como "contundentes" e "belicistas" indicam uma postura de confronto e resistência, que frequentemente está alinhada com uma crítica social e política. Assim como aponta Thaíde, que destaca que há muitos tipos de rap, mas o rap de verdade tem um lado mais político.

O grupo marcou e marca uma era do rap Brasileiro, possuindo um total de seis álbuns de estúdio lançados. Para mais, o grupo também lançou álbuns ao vivo e coletâneas, como "1000 Trutas, 1000 Tretas" (2006) e "Racionais 3 Décadas" (2023), que inclui performances ao vivo e inéditas. Esses álbuns estão disponíveis em plataformas de streaming como Spotify com aproximadamente 5.011.307 ouvintes mensais e mais de 3 milhões de seguidores no Instagram atualmente.

O álbum holocausto urbano é considerado um marco na história do rap brasileiro. Lançado em 1990, ele traz letras que abordam de forma contundente e direta questões sociais críticas, como a violência nas periferias, o racismo institucional e a desigualdade social. Os álbuns Raio X do Brasil (1993) e sobrevivendo no Inferno (1997) foram marcos ainda mais importantes na história do rap. O segundo, em particular, chamado de "Sobrevivendo no Inferno" foi o álbum de maior impacto na história do grupo e do Rap Brasileiro, com sua capa bastante representativa, um fundo negro com o título do álbum em vermelho, em contraste com o brasão da "Família Racionais MC's", que inclui uma cruz dourada ao centro. O que reflete a temática do disco, abordando questões como fé, resistência e a realidade vivida nas periferias.

Sobrevivendo no inferno possui 12 faixas com músicas emblemáticas como "Capítulo 4, Versículo 3", "Diário de um Detento" e "Mágico de Oz", que na atualidade, estão entre as músicas de mais sucesso do conjunto. Em 2018, a Companhia das Letras transformou o álbum em livro, denominado como Racionais MC's - Sobrevivendo no Inferno de Acauam Oliveira, que traz fotos inéditas e informações do grupo. Inclusive, vendeu cerca

de 1,5 milhão de cópias e se sendo até reconhecido como leitura obrigatória em vestibulares, influenciando não apenas a música, mas também outras formas de arte, como cinema e literatura.

A obra dos racionais MC's ajudou a criar um espaço discursivo para que cidadãos periféricos se apropriassem de suas narrativas e imagens, promovendo o empoderamento e o orgulho negro. Mesmo após 30 anos, suas mensagens continuam inspirando novas gerações de rappers, que reconhecem a influência do grupo em suas vidas e carreiras.

A trajetória do grupo influenciou e segue influenciando uma nova geração de rappers de diversas maneiras. muitos jovens negros aprenderam com racionais a amar sua pele e ter orgulho de sua aparência; a não ter medo de dizer o que pensa; a enxergar as periferias, morros e favelas de onde vieram como potência; até mesmo em seus estilos ao fazer uso de bonés, correntes, roupas largas e óculos escuros assim como eles. (Guimarães, 2023, p. 13).

Nos anos 2000, o rap brasileiro teve reconhecimento e popularidade bastante significativa. artistas que vinham de uma longa caminhada no rap explodiram. Nomes como Sabotage que lançava seu primeiro álbum chamado "O rap é compromisso" trazendo uma perspectiva única sobre a vida nas periferias e a luta contra a opressão em suas canções. As faixas mais conhecidas deste álbum incluem o "Rap é Compromisso", "Respeito é Pra Quem Tem" e "Um Bom Lugar". O álbum possui 13 faixas e é considerado um marco no rap brasileiro e foi o único de Sabotage lançado em vida. Após sua morte, outros álbuns foram lançados postumamente, totalizando 4 álbuns, incluindo "Sabotage 50" (2013), em homenagem aos 50 anos que o artista completaria naquele ano. Mauro Mateus dos Santos é o nome do rapper Sabotage, assassinado às vésperas de completar 30 anos em 24 de janeiro de 2003.

Assim como o cantor e escritor chamado Alex Pereira (MV Bill). O seu primeiro álbum foi lançado em 1999 sob o título de "Traficando Informação", que contou com a faixa "Soldado do Morro", representando a quantidade total de 13 faixas no total. Além disso, o álbum ainda continua sendo como o de maior influência pelo artista. O cantor tem nove álbuns publicados atualmente e está disponível em várias plataformas de streaming, como Spotify, Apple Music e Amazon Music. Ademais, possui mais de 1 milhão de seguidores no Instagram e cerca de 1.050.495 ouvintes mensais nas plataformas de streaming. Além de cantor e escritor o artista é bastante reconhecido por conta de trabalhos sociais nas comunidades, recebendo um prêmio da (UNICEF) em 2004, sendo reconhecido como um dos rappers mais politizado dos últimos dez anos.

Emicida e Criolo surgiram, trazendo novas abordagens e temas que ampliaram o alcance do gênero. Suas carreiras foram marcadas nas batalhas de rimas, conhecida como

batalhas de freestyle que no cenário contemporâneo tem bastante visibilidade na mídia. A própria mídia abriu um espaço de reconhecimento na década, e nas próximas décadas, esse espaço seria ampliado ainda mais. Seu impacto social abriu portas para que os artistas fizessem aparições em grandes festivais como o Planeta Atlântida e o Festival de Inverno de Garanhuns. Artistas mencionados como Emicida, Criolo e Racionais MC's foram figuras importantes nesses eventos, assim como outros não mencionados que elevam o percurso do gênero com suas mensagens em suas canções.

Essa expansão do rap, em termo geográfico foi crucial para o movimento. concentrado em grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, o gênero começou a se espalhar para cidades menores e áreas periféricas. Isso possibilitou que novos artistas emergissem, trazendo suas próprias experiências e questões locais para as letras. Essa popularidade do rap permitiu que vozes de diversas partes do Brasil fossem ouvidas. Essa democratização, foram impulsionadas pelo avanço da tecnologia e pela internet. Com o surgimento de plataformas de streaming e redes sociais, artistas independentes puderam divulgar suas músicas sem depender de grandes gravadoras. Isso não apenas facilitou a emergência de novos talentos, mas também incentivou a diversidade de estilos dentro do rap, já que os artistas podiam experimentar e inovar sem restrições.

De acordo com informações publicadas no portal Terra, o rap se consolidou como o terceiro gênero musical mais escutado globalmente no Spotify em 2022, registrando um aumento significativo de 40% nas buscas entre maio de 2022 e maio de 2023. Em concordância com esses dados, segundo informações divulgados pelo Spotify, revelou que o Hip Hop é atualmente o segundo gênero musical mais popular na plataforma, com mais de 400 milhões de usuários em todo o mundo ouvindo esse estilo em 2023. Além disso, existem mais de 53 milhões de playlists, tanto editoriais quanto criadas por usuários, que mencionam Hip Hop ou Rap no título, e mais de 2 bilhões de playlists que incluem ao menos uma música desses gêneros. Nos últimos três anos, quase metade dos 50 artistas mais ouvidos globalmente no Spotify são do gênero Hip Hop ou Rap. Portanto, O crescimento nas buscas mostra que o rap está despertando um interesse cada vez maior, ampliando seu alcance e atraindo novos ouvintes. O que antes era uma expressão cultural de resistência se transformou em um fenômeno popular e dominante. Esse avanço indica que o rap está ganhando ainda mais importância na indústria musical, conectando-se com pessoas de diversas origens e influenciando outras formas de arte.

Apesar de o rap ter se tornado muito popular no mundo todo, ele enfrenta alguns desafios importantes. relacionados à sua comercialização e à alteração de sua mensagem e

imagem. A busca por sucesso pode fazer com que alguns artistas mudem suas músicas para serem mais comerciais, o que pode tirar a força e a mensagem original do rap. Antes, o rap era uma forma de falar sobre problemas sociais e injustiças, mas agora, com a popularidade, pode acabar se tornando mais superficial e menos crítico. Além disso, a tecnologia e as redes sociais podem fazer com que os artistas se concentrem mais em criar conteúdo que chame a atenção rapidamente, em vez de manter a profundidade e a verdade que eram características do rap no começo.

O rap é muito mais do que música, é uma voz potente das periferias, é uma expressão de resistência para seus ouvintes em todo mundo, o gênero surge como uma forma de denunciar o racismo, a desigualdade e a opressão vivida pelas comunidades afro-americanas e latinas. Com o passar dos anos, muitos artistas transformaram o rap em uma ferramenta global de conscientização social e luta por justiça. O que começou como uma manifestação local oriunda dos guetos de Nova York se tornou um movimento que conecta pessoas em torno de questões universais, como pobreza e violência.

No Brasil, o rap encontrou um lar nas periferias, ecoando as dores e sonhos de uma população marcada pela exclusão social. Grupos como Racionais MC e sabotagem, deram voz às favelas e ao combate ao racismo com letras que são verdadeiras histórias de sobrevivência. O rap continua importante e necessário no país e no mundo. Reafirma o papel de dar voz àqueles que muitas vezes são ignorados, o gênero transforma suas músicas em histórias de luta em arte. Em suma, atualmente, o rap brasileiro é uma força cultural que dialoga com questões sociais. Seja no Brasil ou no mundo, o rap continua sendo arte, resistência e um poderoso instrumento de mudança.

2 RITMO E POESIA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: O PAPEL DOS EDUCADORES NA INCLUSÃO DO RAP

O rap, enquanto manifestação cultural e forma de arte, é reconhecido por sua capacidade de abordar questões sociais e culturais que fazem parte do cotidiano de muitos jovens, especialmente daqueles que vivem em comunidades periféricas. Suas letras, muitas vezes carregadas de crítica e reflexão, tratam de temas como desigualdade, racismo, violência policial, discriminação e justiça social. Esses são problemas que os estudantes dessas comunidades enfrentam em suas vidas diárias. Por esse motivo, o rap tem um grande potencial para ser utilizado como ferramenta pedagógica nas escolas, ajudando a promover

discussões importantes e ensinando conteúdos de forma mais próxima à realidade dos alunos.

Durante a pesquisa realizada com visitas às escolas públicas periféricas de Belém, busquei entender melhor como os educadores viam o rap e sua disposição para usá-lo nas práticas pedagógicas. Para isso, conversei com muitos professores, principalmente nos intervalos de aula, e apliquei um questionário direcionados a alunos e professores para entender como o rap poderia ser integrado ao ensino nas escolas. No entanto, percebi que, apesar do rap ser uma expressão cultural bastante conhecida, poucos professores demonstraram interesse em participar da pesquisa ou em discutir formas de trabalhar o gênero musical em sala de aula. Enquanto que os alunos por sua vez tiveram maior interesse.

Muitos educadores possuem um conhecimento baixo sobre o rap e seu potencial educativo, o que contribui para a resistência em utilizá-lo em sala de aula. A falta de familiaridade com o gênero e sua profundidade faz com que alguns professores não enxerguem o rap como uma ferramenta válida para o ensino. A realidade é que poucos utilizam o rap como recurso pedagógico. Isso ocorre por diversos motivos. Em muitos casos, há uma falta de conhecimento sobre como integrar o rap ao currículo escolar ou uma resistência em adotar métodos diferentes do tradicional. Alguns educadores veem o rap como algo distante da prática pedagógica, talvez por associá-lo a um estigma de ser um gênero "marginal" ou "não acadêmico". Além disso, as normas e exigências das escolas muitas vezes limitam a liberdade dos professores em explorar abordagens mais criativas ou inovadoras. Isso faz com que o rap, apesar de ser uma forma de expressão cultural importante, não seja aproveitado de maneira mais significativa nas aulas. Dessa forma, o rap ainda precisa ser mais exposto dentro do contexto escolar, tanto para alunos quanto para professores, promovendo ações que desmistifiquem o gênero e evidenciem sua relevância como um instrumento pedagógico eficaz.

Além disso, o rap é raramente utilizado de forma contínua no cotidiano escolar. Quando é usado nas escolas, geralmente é em momentos pontuais, como eventos culturais, apresentações artísticas ou feiras temáticas. Nesses eventos, o rap é valorizado como uma expressão cultural, mas não é explorado como uma ferramenta contínua de aprendizagem. Por outro lado, durante as visitas, pude notar que algumas escolas reconhecem o papel do rap na educação. Isso é evidenciado por meio de pinturas do gênero musical nas paredes, que retratam elementos da cultura hip-hop e valorizam os artistas do gênero. Além disso, em eventos culturais, algumas escolas promovem palestras e expõem cartazes elaborados pelos alunos com essa temática, o que demonstra um esforço em integrar o rap ao ambiente escolar.

No entanto, a maior parte do interesse observado durante as visitas são unicamente dos alunos. Demonstrando grande interesse pelo gênero, reconhecendo como uma forma de expressão que fala diretamente sobre suas vidas e realidades.

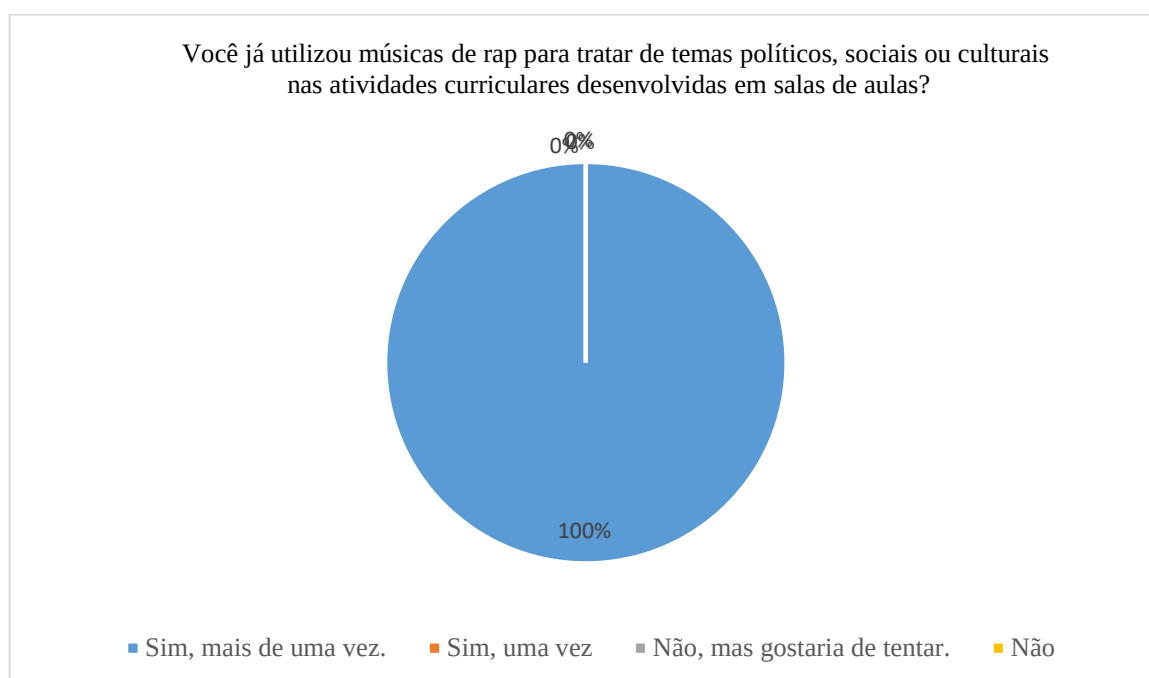
Apesar desse interesse por parte dos alunos, a falta de incentivo por parte dos educadores cria uma desconexão entre o que os estudantes valorizam e o que é efetivamente trabalhado nas aulas. Os alunos gostariam de ver o rap sendo usado para discutir temas como a desigualdade social, a violência e a luta por justiça. No entanto, devido à falta de conhecimento prévio dos professores e à resistência das escolas em adotar metodologias mais abertas e conectadas com a cultura jovem, o rap não tem o espaço que poderia ter no processo educativo. Muitos professores expressaram o desejo de aprender mais sobre como trabalhar com o rap e como abordar as temáticas sensíveis que ele levanta, como o racismo e a violência. Eles reconhecem que o rap pode ser uma ferramenta poderosa para gerar reflexão e estimular a criticidade nos alunos, mas sentem que faltam recursos e preparação para incorporar o rap de maneira eficaz nas aulas.

O questionário nas escolas periféricas foi aplicado entre os meses de novembro e dezembro de 2024 em datas diferentes e em escolas de 3 bairros distintos na cidade de Belém, nomeadas como Escola A, Escola B e Escola C, com o objetivo de coletar e analisar a presença do rap no ambiente escolar e sua importância como expressão cultural e ferramenta de aprendizado na formação crítica.

O gráfico a seguir apresenta os resultados da pesquisa realizada com os professores, na qual foi perguntado se eles já utilizaram músicas de rap para tratar de temas políticos, sociais ou culturais nas atividades curriculares desenvolvidas em salas de aulas bem como se sentem confortáveis em utilizar o rap em sala de aula. As respostas obtidas refletem a percepção dos docentes sobre a visibilidade e aceitação do gênero musical como ferramenta pedagógica.

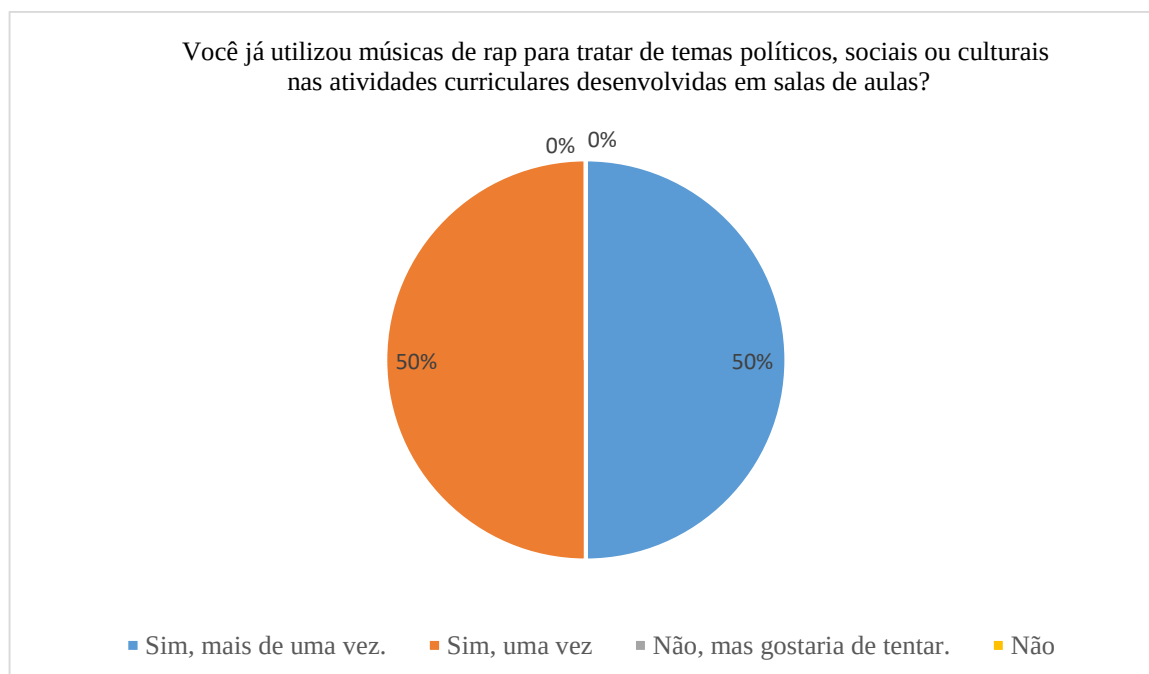
Na Escola A e B, a participação teve apenas as respostas de dois docentes, sendo um professor e uma professora. Já na Escola C, não houve respostas dos professores. Durante a visita, foi possível entregar o questionário a um docente, porém, não houve retorno.

GRÁFICO 1 - ESCOLA A



Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 2 - ESCOLA B



Elaborado pelo autor (2025)

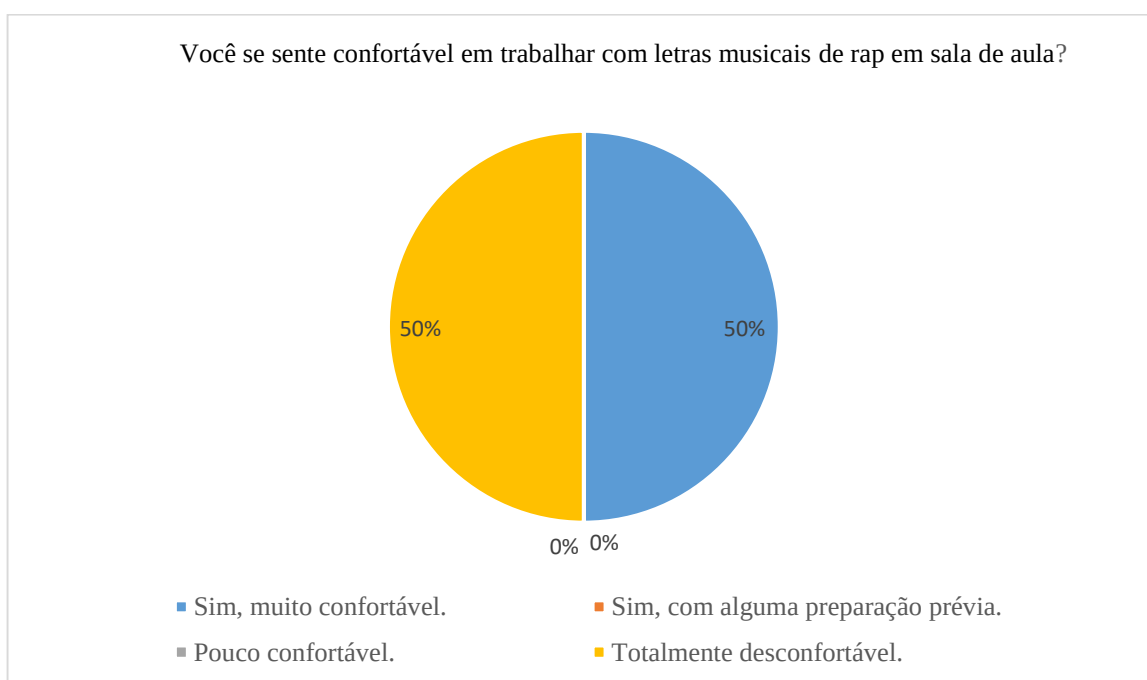
Na Escola A, todos os docentes que responderam afirmaram já ter utilizado músicas de rap mais de uma vez em sala de aula (100%), demonstrando uma forte inclusão do gênero musical como ferramenta pedagógica.

Já na Escola B, houve uma divisão equilibrada: 50% dos professores afirmaram ter utilizado o rap em atividades curriculares mais de uma vez, enquanto o outro 50% indicou tê-lo usado apenas uma vez.

Os dados revelam que, nas escolas pesquisadas, há um histórico de aplicação do rap em atividades pedagógicas, especialmente na Escola A, onde seu uso parece ser mais frequente. Isso sugere que os docentes que participaram da pesquisa já reconhecem o potencial educativo do gênero musical.

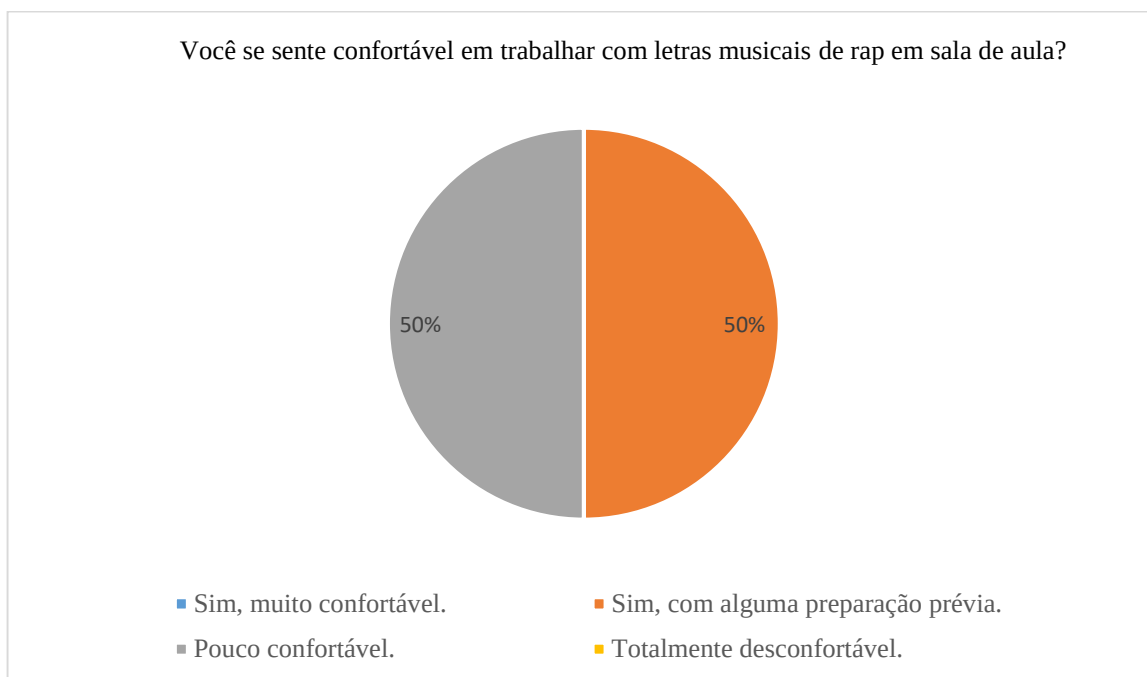
Os gráficos a seguir mostram como os professores se sentem ao trabalhar o rap em sala de aula. A pesquisa buscou entender o nível de conforto dos docentes ao usar esse gênero musical como ferramenta de ensino, destacando se eles se sentem à vontade ou se têm alguma dificuldade em aplicá-lo no ambiente escolar.

GRÁFICO 3 - ESCOLA A



Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 4 - ESCOLA B



Elaborado pelo autor (2025)

Na Escola A, onde participaram apenas dois docentes. Enquanto 50% afirmou se sentir muito desconfortável ao utilizar o rap como ferramenta pedagógica, o outro 50% relatou se sentir totalmente desconfortável com essa abordagem. Nenhum dos participantes indicou se sentir pouco confortável ou que necessitaria de uma preparação prévia para trabalhar com o rap em sala.

Na Escola B, os resultados mostram que nenhum professor se sente muito confortável ao trabalhar com letras de rap em sala de aula. No entanto, 50% afirmaram que se sentiriam confortáveis desde que houvesse uma preparação prévia, enquanto o outro 50% respondeu se sentir pouco confortável com essa abordagem.

Nenhum dos professores declarou estar totalmente desconfortável, o que indica que, embora haja certa resistência, não há uma rejeição completa ao uso do rap no ensino. O fato de metade dos participantes afirmar que precisaria de uma preparação prévia sugere que o conhecimento sobre o rap como ferramenta pedagógica ainda não é amplamente dominado.

Os resultados indicam que, nas duas escolas analisadas, os dados refletem uma divisão entre os docentes que se sentem muito confortáveis e totalmente desconfortáveis com o uso do rap, enquanto na Escola B, a maioria dos participantes sugerem que precisaria de preparação prévia para trabalhar com o gênero musical.

Um dos principais desafios da pesquisa foi o baixo número de professores que participaram, o que limita a representatividade dos dados. A baixa participação pode ter

várias razões, como falta de interesse no tema, insegurança em abordar o rap na escola ou dificuldade em ver o gênero como uma ferramenta de ensino. Isso afeta os resultados, pois impede uma visão mais completa sobre como o rap é percebido no ambiente escolar e quais são os desafios para seu uso na educação. Além disso, na Escola C, nenhum professor respondeu ao questionário, tornando impossível analisar a relação dos docentes com o rap nessa instituição.

Trazer elementos da cultura hip-hop para a escola é uma forma inovadora de tornar as aulas mais interessantes para os alunos. Professores de escolas periféricas de Belém percebem que, ao incluir o rap nas aulas, conseguem se conectar melhor com os estudantes e com os temas de história. Mas ainda há muito impasse para que isso aconteça, eles reconhecem que as músicas de rap falam sobre a realidade dos jovens, ajudando a entenderem suas próprias vidas dentro do contexto histórico. Assim, o rap se torna uma ferramenta que aproxima os alunos da escola, fortalece sua identidade e ajuda a compreender melhor o mundo ao seu redor

Os professores de história precisam reinventar suas aulas, entendendo que, a partir da sua “quebrada”, contando a sua própria história, reafirmando sua identidade, esses alunos podem compreender melhor o mundo em que vivem. Assim, atividades com o rap que levem à reflexão sobre a trajetória e a situação dos alunos, com a mediação do professor, experimentadas e vivenciadas durante o período escolar, e reforçadas com a educação formal, possibilitam “girar” o currículo para entender como cada um deles estão inseridos na história (Andrade, 2021, p. 28).

Para que o ensino tenha sentido para os alunos, os professores devem buscar trabalhar temas que estejam relacionados com a realidade dos estudantes. Quando os conteúdos escolares são conectados ao cotidiano dos alunos, eles são incentivados a refletir sobre as questões sociais que enfrentam e a procurar soluções para os problemas que fazem parte de suas vidas (Andrade, 2021). Dessa forma, a aprendizagem deixa de ser apenas teórica e passa a ter uma importância direta no desenvolvimento crítico e na compreensão da realidade. Isso significa que os professores precisam criar estratégias pedagógicas que façam com que os estudantes se sintam parte do processo educacional, o que contribui para uma participação mais significativa em sala de aula.

Atualmente, muitas escolas seguem o modelo de ensino tradicional, que se concentra em fazer com que os alunos memorizem conteúdo sem se preocupar com sua capacidade de refletir ou possuir pensamento crítico. Esse modelo trata o aluno como se ele fosse apenas um receptor de informações, que precisa escutar, ler e memorizar os conteúdos ensinados em sala de aula. Porém, essa visão da aprendizagem como uma simples “memória de

estoques", como se o conhecimento fosse algo fixo, não é a melhor forma de ver o processo educacional. Na realidade, o aprendizado é dinâmico, flexível e depende da vivência e das experiências de cada aluno. A escola não deve ser apenas um lugar onde o conhecimento é passado para o aluno, mas um espaço onde ele pode compartilhar, questionar e até desafiar o saber que recebe. De acordo com Andrade (2021) o conhecimento é tratado como algo a ser simplesmente repassado, sem espaço para reflexão, questionamento ou envolvimento ativo do aluno no processo de aprendizagem. Segundo ele:

A visão de uma educação focada na memorização de conteúdos ainda é muito presente, e isso faz com que o aluno seja habituado a ver o papel da escola como um local onde eles são tratados como animais racionais, que podem ser treinados a escutar, ler e memorizar as matérias estudadas em sala de aula. A memória como estoque, porém, é uma metáfora muito imperfeita, já que não se trata de um estoque estanque, pelo contrário, é flexível; a escola, portanto, nunca vai mandar no pensamento do aluno, pois este nunca será o mesmo, assim como podemos ver um filme e despertar em nós vários sentimentos, emoções e percepções ao assisti-lo diversas vezes. É fato, portanto que o aluno não é apenas receptor, mas autoral também. Aprendizagem não pode ser "causada" de fora, ou seja, o aluno não adquire conhecimento, ele compartilha conhecimento, mas antes de tudo é preciso dar voz ao aluno e o rap é uma das alternativas para explorar suas potencialidades (Andrade, 2021, p. 54).

Para isso, é fundamental que o ensino vá além da simples memorização. O rap, por exemplo, pode ser uma ferramenta para ajudar os alunos a desenvolverem suas habilidades de reflexão e pensamento crítico. Através do rap, os alunos podem falar sobre suas próprias realidades e sentimentos, ao mesmo tempo em que discutem questões importantes como a desigualdade e a violência.

Além disso, outro ponto importante, ao utilizar o rap como ferramenta pedagógica, os educadores podem explorar as variações linguísticas como forma de valorização da diversidade cultural e linguística do Brasil. A inclusão desse gênero musical no ambiente escolar pode ajudar os alunos a compreenderem a distinção entre a norma culta e a norma popular, possibilitando discussões sobre preconceito linguístico e identidade cultural. Rosa (2006 apud Ribeiro, 2021, p. 95) expõe que essa reconfiguração linguística se manifesta por meio da introdução de novas palavras e expressões, além da modificação de estruturas gramaticais para atender às necessidades poéticas e estilísticas do gênero musical.

Dessa forma, o rap e a língua portuguesa mostram como a arte pode ser uma forma de empoderamento e de dar um novo significado à linguagem. Usar o rap na educação pode ajudar os alunos a melhorar a interpretação e a escrita, já que as letras das músicas trazem histórias com elementos poéticos, críticas sociais e referências culturais que fazem parte do dia a dia deles.

Em Belém do Pará, a segregação socioespacial é um reflexo de como a cidade é dividida entre áreas de grande desenvolvimento e as periferias, onde predominam as populações em situação de vulnerabilidade social. A capital paraense, com sua geografia marcada por um centro urbano em crescimento e expansão, convive com uma disparidade no acesso a serviços, infraestrutura e oportunidades. A periferia de Belém, com destaque para bairros como jurunas, Guamá e terra firme, enfrenta desafios históricos, como a escassez de espaços públicos de qualidade, transporte coletivo precários e a falta de políticas públicas efetivas para o desenvolvimento dessas regiões.

O álbum “Gueto, Flow” de Pelé do Manifesto, lançado em 2020, traz uma música chamada “Querem”, com forte denúncia como a sociedade tenta invisibilizar as pessoas negras e periféricas, segregando para lugares afastados e marginalizados.

Me querem menos Dandara me querem menos Mandela me querem menos
no centro me querem mais na favela. Me querem como reserva sempre
esquentando o banco pra esquecer Abdias louvando Castelo Branco me
querem obediente me querem tipo robô pra nunca questionar quando eles
gritarem roubou (Silva, 2020).

Isso se conecta com a Geografia Urbana, que estuda como as cidades são divididas e como a desigualdade é refletida no espaço. Em Belém do Pará, por exemplo, o centro da cidade concentra riqueza e serviços de qualidade, enquanto as periferias ficam sem os mesmos recursos para os moradores. As comunidades mais afastadas enfrentam dificuldades como falta de infraestrutura, serviços públicos e oportunidades de crescimento. Para os educadores, essa música é uma excelente forma de discutir temas como racismo, desigualdade e a luta por um espaço mais justo na sociedade. Para os educadores de Geografia, pode ser uma excelente ferramenta para explorar temas como segregação socioespacial e desigualdade urbana. A letra de Pelé do Manifesto reflete a realidade de como as cidades, como Belém, são organizadas de forma desigual, com a periferia sendo deixada de lado enquanto o centro urbano concentra riqueza e serviços. Os educadores podem utilizar a música para discutir com os alunos como o espaço urbano é dividido e como as comunidades periféricas sofrem com a falta de acesso a direitos e oportunidades.

Embora o ensino público esteja distante do ideal, não adianta se justificar com a crise. Os professores precisam buscar novas abordagens pedagógicas que envolvam a realidade dos alunos, compreendendo sua linguagem, o que representa o principal desafio (Andrade, 2021, p. 54). Isso implica uma reflexão sobre a importância de uma educação mais contextualizada, que leve em conta o mundo em que os estudantes estão inseridos. O “desafio” é, portanto, a capacidade do educador de se reinventar e criar métodos que sejam

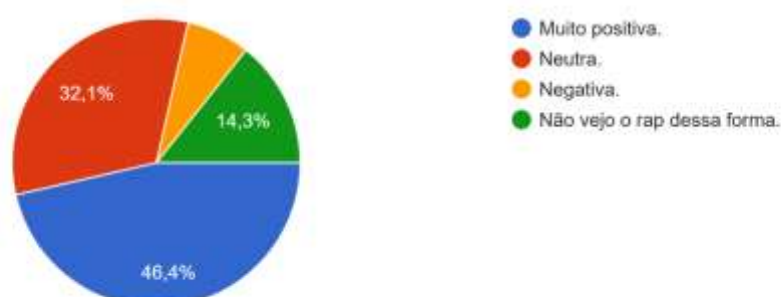
significativos para os alunos, formando assim, alunos periféricos da cidade Belém a pensarem de forma crítica na sociedade.

Os gráficos a seguir apresentam os resultados obtidos, destacando os pontos em comum entre as três escolas, expondo como o rap é visto dentro do contexto escolar do ponto de vista de alunos e professores.

GRÁFICO 5 - ESCOLA A

Em seu ponto de vista o gênero musical rap representaria uma ferramenta pedagógica eficaz para promover reflexão crítica entre os alunos da educação básica?

28 respostas

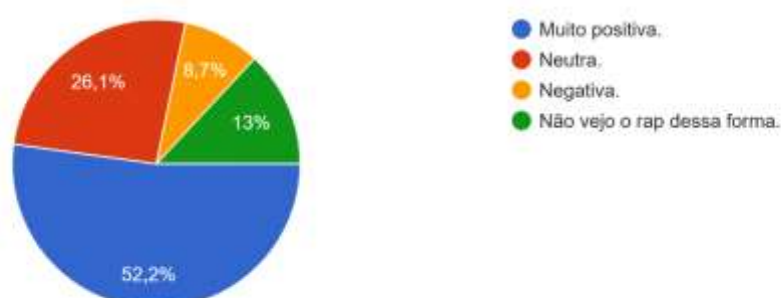


Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 6- ESCOLA C

Em seu ponto de vista o gênero musical rap representaria uma ferramenta pedagógica eficaz para promover reflexão crítica entre os alunos da educação básica?

23 respostas

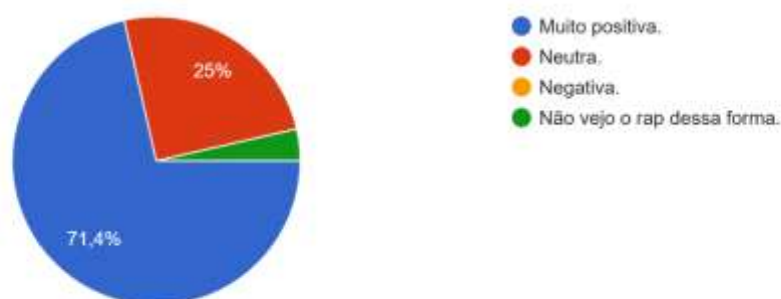


Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 7 - ESCOLA C

Em seu ponto de vista o gênero musical rap representaria uma ferramenta pedagógica eficaz para promover reflexão crítica entre os alunos da educação básica?

28 respostas



Elaborado pelo autor (2025)

As respostas indicaram, em sua maioria, uma percepção positiva a respeito do rap no contexto escolar, destacando a Escola C apresentando a maior aceitação entre as instituições analisadas.

Na Escola A, 46,4% dos participantes consideram o rap como uma ferramenta pedagógica muito positiva, enquanto 32,1% possuem uma visão neutra. Já 7,1% percebem o rap de forma negativa, e 14,3% não veem o gênero musical dessa forma.

Na Escola B, a percepção muito positiva foi ainda maior, alcançando 52,2%, enquanto 26,1% se mantiveram neutros. A visão negativa foi de 8,7%, e 13% dos participantes afirmaram não enxergar o rap como uma ferramenta pedagógica.

A Escola C apresentou a maior aceitação do rap como ferramenta educativa, com 71,4% considerando muito positivo, 25% adotando uma posição neutra, e nenhum participante atribuindo uma percepção negativa. Apenas 3,6% não veem o rap dessa forma.

A análise dos resultados evidencia que, nas três escolas, a maioria dos participantes vê o rap como uma ferramenta pedagógica muito positiva. Isso indica que muitos alunos e professores reconhecem o rap como um recurso importante para a educação. Além disso, um número significativo de repostas ficou com uma opinião neutra, o que sugere que, apesar de enxergarem potencial no rap, ainda têm dúvidas sobre como ele pode ser usado na prática.

A rejeição ao rap como ferramenta pedagógica foi baixa em todas as escolas, com percentuais próximos entre a Escola A (7,1%) e a Escola B (8,7%). A Escola C se destacou por ter o maior número de respostas positivas (71,4%) e nenhuma rejeição (0%), o que pode indicar que o rap já é mais aceito ou valorizado nesse ambiente escolar.

Outra semelhança foi no índice de respostas neutras entre a Escola A (32,1%) e a Escola C (25%), mostrando que ainda há espaço para mais discussões e práticas que possam fortalecer o uso do rap na educação.

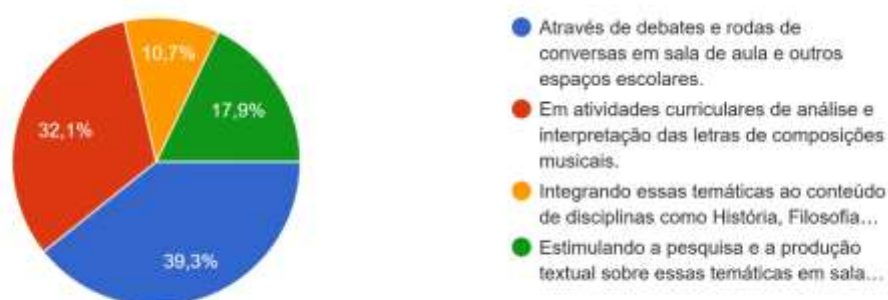
No geral, os resultados mostram que o rap é visto de forma favorável como ferramenta para desenvolver o pensamento crítico dos alunos, mas seu uso ainda pode ser ampliado e melhor explorado dentro das escolas.

A seguir, será apresentado o gráfico que expõe as respostas à seguinte questão: Como o gênero musical rap poderia ser utilizado em práticas pedagógicas para abordar temáticas políticas, a violência, a desigualdade e a discriminação étnico-racial?

GRÁFICO 8 - ESCOLA A

Na sua opinião, como o gênero musical rap poderia ser utilizado em práticas pedagógicas para abordar temáticas políticas, a violência, a desigualdade e a discriminação étnico-racial?

28 respostas



Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 9 - ESCOLA B

Na sua opinião, como o gênero musical rap poderia ser utilizado em práticas pedagógicas para abordar temáticas políticas, a violência, a desigualdade e a discriminação étnico-racial?

23 respostas

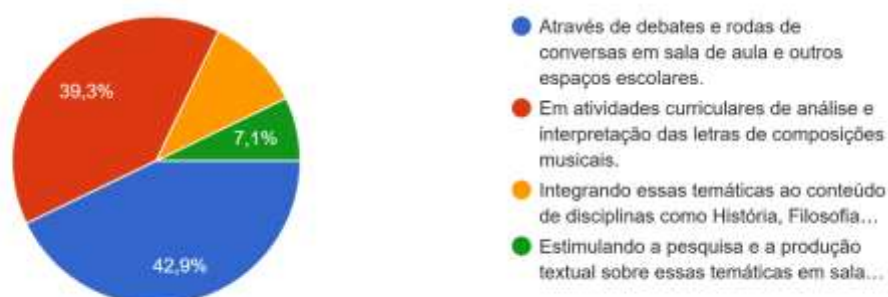


Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 10 -ESCOLA C

Na sua opinião, como o gênero musical rap poderia ser utilizado em práticas pedagógicas para abordar temáticas políticas, a violência, a desigualdade e a discriminação étnico-racial?

28 respostas



Elaborado pelo autor (2025)

As porcentagens mostram algumas semelhanças e diferenças nas respostas das três escolas, mas também revelam padrões comuns sobre como o rap pode ser utilizado em práticas pedagógicas. Em todas as escolas, a principal estratégia indicada foi a realização de debates e rodas de conversa, sendo essa a opção mais votada por todos.

Na Escola B, 73,9% dos participantes escolheram essa abordagem, a maior porcentagem entre as escolas, enquanto na Escola A, foi 39,3%, e na Escola C, 42,9%. Isso indica que o rap é visto como um instrumento eficaz para estimular discussões sobre questões sociais e culturais em sala de aula.

A análise e interpretação das letras de rap foi a segunda estratégia mais escolhida em todas as escolas, com valores significativos: 32,1% na Escola A, 17,4% na Escola B e 39,3% na Escola C. Isso sugere que a reflexão sobre as letras das músicas também é vista como uma abordagem importante, como será vista nas seções seguintes... embora sua aceitação varie de escola para escola, com a Escola C demonstrando maior interesse nessa prática.

Outro ponto comum foi a integração dessas temáticas ao conteúdo de disciplinas como História e Filosofia, com 10,7% de respostas iguais na Escola A e na Escola C, refletindo uma percepção similar de como o rap pode ser vinculado ao currículo escolar. No entanto, a Escola B apresentou uma porcentagem muito menor, com apenas 4,3% dos participantes escolhendo essa opção, o que pode indicar que o rap é mais visto como uma ferramenta autônoma e não necessariamente integrada ao conteúdo tradicional dessas disciplinas.

Por fim, o estímulo à pesquisa e à produção textual foi uma opção menos escolhida em todas as escolas, com índices baixos, principalmente na Escola B (4,3%) e na Escola C

(7,1%). Esses resultados revelam que, embora o rap seja considerado uma ferramenta pedagógica eficaz, o foco das escolas está mais nas discussões e interpretações diretas das músicas do que em atividades de escrita ou pesquisa relacionadas.

Os resultados mostram que, em todas as escolas, o rap é visto como uma ferramenta pedagógica importante, principalmente para debates e rodas de conversa, mas as formas de utilizá-lo variam de escola para escola de acordo com as repostas.

O estudo analisou como os professores enxergam o rap como ferramenta de ensino em escolas públicas de bairros periféricos de Belém. Mesmo sendo um estilo musical muito presente na vida dos alunos e abordando temas importantes como desigualdade e discriminação, muitos educadores ainda não o utilizam em sala de aula. Isso acontece porque alguns professores não conhecem bem o rap ou não sabem como incluí-lo nas atividades escolares. Em geral, o rap aparece mais em eventos culturais da escola, mas não de forma contínua nas aulas do dia a dia.

Por outro lado, os alunos demonstram grande interesse pelo rap, pois sentem que ele fala sobre suas realidades. A pesquisa mostrou que o rap poderia ser melhor aproveitado na educação, principalmente em debates e análise de letras. No entanto, a pouca participação dos professores na pesquisa indica que ainda existem desafios para que o rap seja visto como um recurso de ensino importante. Para que isso aconteça, é preciso mudar a forma como o ensino é pensado, dando mais espaço para métodos que se conectem com a vida dos estudantes.

3 A PODEROSA FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO SOCIAL: O RAP

O movimento Hip Hop começou a ganhar força em Belém entre o final dos anos de 1970 e o início dos anos de 1980. Tudo começou com jovens que se inspiravam na cultura Hip Hop dos Estados Unidos, do bairro de Nova York. As primeiras manifestações surgiram em festas e encontros, onde a dança break começou a se destacar pelas ruas da cidade.

O movimento teve um grande impacto pelo cinema áudio visual, influenciado pelo filme *Beat Street*, exibido no Cinema Olímpia. Grupos de danças como os *Electro Boys*, *Scorpions Colors*, *Brazilian Breakers* e outros, começaram a reproduzir os elementos da cultura Hip Hop, inicialmente com a febre do breakdance. Esses grupos treinavam e ensinavam a dança para crianças e jovens, promovendo a cultura como uma alternativa à criminalidade e às drogas.

Onde a manifestação cultural começou a ganhar força, foi nas periferias da cidade, no bairro da Pedreira, nesse cenário, os grupos de danças desempenhavam um papel importante, ensinando e praticando dança nas associações de moradores, como a da passagem Doutel, e em espaços de lazer que existiam antes da construção do Hospital de Clínicas Gaspar Vianna. Durante esse período, o jovem americano Clifton Park, que havia se mudado para Belém para ensinar inglês, assumiu a liderança do grupo Scorpions Colors. Ele teve contato direto com o que estava acontecendo no Bronx, nos Estados Unidos, onde o movimento Hip Hop estava se consolidando. Clifton Park também participou da estreia do filme *Beat Street* no Cine Olímpia e no Cinema Palácio, eventos que ajudaram a disseminar a cultura Hip Hop localmente.

Em Belém, a cultura Hip Hop, começou segundo Armando Pantoja e Jorge, Break de fato em novembro de 1984 assistindo no Cinema Olímpia o Filme *Beat Street*, com os pioneiros Electro Boys, Scorpions colors, Brazilian breakrs, dekanos, irmãos break, garotos do break, quando estes assistiram ao filme *beat street* no cinema Olímpia e tiveram a ideia de reproduzir a cultura Hip Hop da forma deles, não importa se naquele tempo era só chamado de a febre do break, sendo que de maneira nativa eles já faziam o Hip Hop acontecer, mesmo sem saber o nome exato (Relato de armando, 2017 apud Social, s.d, n.p).

O cenário musical da época era dominado por ritmos como a Black Music e discotecas que estavam em alta. Mas, aos poucos, o rap foi conquistando espaço. No final da década de 1980, a mídia ajudou a popularizar o Hip Hop em Belém, um momento importante para essa mudança foi a criação da primeira rádio FM do Pará, a Rádio Rauland, foi nessa rádio que muitas pessoas ouviram rap pela primeira vez, com músicas como *Rapper's Delight*, do grupo Sugarhill Gang, ampliando a influência do rap na cidade

O radialista Big Pantera promoveu a Caravana da Street Dance, ajudando a consolidar o Hip Hop em diversos bairros. Os encontros aconteciam em espaços como a Praça da República e o Mercado de São Brás, locais de grande circulação onde jovens se reuniam para batalhas de breakdance com o ritmo e poesia (rap) tocando nas rodas de dança e de rima:

O radialista conhecido em Belém como big pantera teve no início dos anos 80, a ideia de fazer concursos de dança e tiveram a oportunidade de fazer junto a outros profissionais da comunicação, como: Janjo Proença, Tarrika e Saulo Teixeira; o Marketing da Avant Premiere, do filme *Beat Street* no cinema Olímpia (Social, s.d, n.p).

A partir dos anos 1990, o movimento se tornou mais estruturado com o surgimento do Movimento Hip Hop Organizado do Pará (MHOP) em 1993. Essa organização foi essencial para a consolidação da cultura Hip Hop na cidade, promovendo eventos, oficinas

e reuniões em escolas e associações de moradores. A Escola Técnica Magalhães Barata, localizada no bairro do Telégrafo, e a Escola Renato Pinheiro Conduru, no Barreiro, tornaram-se importantes pontos de encontro para a cena Hip Hop. Durante essa década, a cena do rap também ganhou força com grupos como Fator Contrário, Rap Boys e Rap Street. Esses grupos passaram a utilizar o rap como ferramenta de expressão social e política, abordando temas como desigualdade, violência e resistência periférica. O Mercado de São Brás se consolidou como um dos principais pontos de encontro dos adeptos do Hip Hop, onde aconteciam ensaios e batalhas de rima aos finais de semana:

Marcos Zulu Ninja Conseguiu por uma autorização da Funverde na época o espaço se tornou oficial para o movimento e sagrado historicamente no contexto de evolução e afirmação dessa cultura em Belém do Pará. Com o Sucesso do grupo Rap boys na Tv e shows, no bairro do barreiro em 1990, surgem os Mcs Fator Contrário, de um grupo de break chamado de Rap Street, esta foi a primeira formação, eles eram dançarinos, mas partiram para a música rap ao escutar The Message de Grand Máster Flash and The Furious Five. O nome fator contrário é a identidade da luta contra o sistema e a favor dos direitos civis, somando esforços para ajudar através de ações sociais os menos favorecidos, continuando a luta de Martin Luther king e foi fundado por Rafael Conde, Carlos lavareda e Davi. Elder Reis no bairro do barreiro, reúnem em um espaço de uma associação, sendo uma das primeiras posses de Hip Hop na cidade no ano de 1990. Reuniões também aconteciam na escola Estadual Magalhães barata antiga escola técnica na rua municipalidade, no bairro do telégrafo e Associação dos moradores da providência e Suas influências foram: Thaíde e Dj hum, e Racionais Mcs (Social, s.d, n.p).

Nos anos 2000, o Hip Hop em Belém cresceu muito e se tornou um movimento cultural importante, ganhando reconhecimento além das fronteiras da cidade. Durante esse período, o movimento participou de eventos nacionais e internacionais que ajudaram a dar mais visibilidade aos artistas da região. Um momento marcante foi em 2012, quando foi aprovada a Lei nº 8.942, que criou a Semana Municipal da Cultura Hip Hop, realizada todos os anos em novembro. Essa lei garantiu que festas e atividades relacionadas ao Hip Hop acontecessem em lugares conhecidos, como o Polo Joalheiro e a Estação das Docas, aumentando ainda mais o destaque do movimento. Além de seu crescimento cultural, o Hip Hop em Belém começou a receber apoio institucional. Em 2016, o movimento foi agraciado com a Medalha de Direitos Humanos Paulo Frota, um prêmio que reconheceu seu papel positivo na redução da violência e na inclusão social.

Para muitos jovens das periferias de Belém, o Hip Hop se tornou uma forma poderosa de se expressar e contar suas histórias. O movimento criou um espaço onde esses jovens podiam se afirmar e refletir sobre suas vivências. Com isso, surgiram grupos e coletivos que

não só promovem suas artes, mas também atuam em áreas como educação, saúde e defesa dos direitos humanos. Assim, o Hip Hop se firmou como uma ferramenta valiosa para empoderar a juventude, contribuindo para um ambiente de criatividade e conscientização social que ainda é forte nos dias de hoje.

O processo educativo não-formal e informal que acontece no Hip Hop gira em torno da criação de novos espaços e modos de existir dos moradores da periferia na sociedade brasileira. Esses novos espaços criados pelos jovens que constituem o movimento Hip Hop brasileiro ajudam a construir uma outra visão sobre a vida dos adolescentes, permitindo que eles se vejam como protagonistas de ações propositivas que contribuam para soluções dos problemas de nossa sociedade ou para transformação da ordem social (Magro, 2002 apud social s.d, n.p).

As letras de rap frequentemente refletem a vivência e as lutas de seus autores, proporcionando uma narrativa que ressoa com a experiência de muitos jovens. Preto Michel, um importante representante do hip hop em Belém, utiliza sua poesia para discutir a realidade das periferias, evidenciando as lutas diárias que seus ouvintes enfrentam. A sua obra pode ser vista como uma forma de conscientização, uma vez que um jovem tem o potencial de influenciar outros jovens por meio de sua produção textual e de seu engajamento militante (Ferreira, s.d)

Além disso, as temáticas abordadas nas músicas de rap frequentemente exploram questões de identidade e resistência. Os artistas falam sobre a valorização da cultura negra e a afirmação de suas identidades em face da opressão social. Como destacado por (Bosi 1994 apud Ferreira, s.d, n.p) a memória e a sociedade são interligadas; a narrativa da cultura marginal fortalece a identidade de quem vive à margem. Nesse contexto, as letras de rap atuam não apenas como manifestações artísticas, mas também como instrumentos de empoderamento, ajudando os alunos a desenvolverem um maior orgulho de suas culturas e histórias.

O impacto das letras de rap na educação está intimamente ligado à sua capacidade de transmitir mensagens profundas e de provocar uma reflexão crítica sobre a sociedade. Mesmo com pouca visibilidade nos meios de comunicação tradicionais, como a televisão e o rádio, o rap se espalhou de forma osmótica, especialmente através da internet e da pirataria, alcançando jovens em diversos estratos sociais. Para muitos educadores, o rap passou a ser uma ferramenta educativa, capaz de mobilizar o interesse dos alunos e de despertar a consciência crítica sobre temas como desigualdade social, discriminação racial e violência.

A inserção do rap nas atividades de sala de aula foi uma das propostas discutidas em estudos pioneiros como o de Andrade, (1999) que destacou a importância do rap na prática

escolar, especialmente na periferia. Segundo Andrade (1999 apud Da Fonseca, 2024, p. 99), a aliança entre educadores e "manos" – os rappers – se fez essencial para entender as demandas de uma juventude em busca de representação e voz. As letras de rap, muitas vezes repletas de denúncias sociais, abordam questões que dizem respeito diretamente à vivência dos alunos, tornando-se, assim, um canal de comunicação entre as experiências de vida dos estudantes e o conteúdo escolar.

Em alguns textos, os autores confessam que, em sua prática como professores, foram surpreendidos por um gênero poético-musical que não os agradou em primeira instância, mas, sentindo-se obrigados a lançar o olhar sobre essa produção, já que requisitados por seus alunos e inclusive por seus próprios filhos, perceberam o valor do rap não só como voz de uma grande parcela da sociedade brasileira, mas também como elemento mobilizador do interesse dos alunos. —Professora, os caras passam uma puta mensagem! foi o que ouviu, de um aluno de classe média, a professora de História e Geografia de uma escola particular em Santo André, na Grande São Paulo (Passarelli, 1999, p. 125 apud Da Fonseca, 2024, p. 99)

O trecho acima mostra a necessidade de se abrir para as demandas dos alunos que, em muitos casos, são consumidores do gênero musical que acaba estimulando os professores a reavaliar suas opiniões. A reação inicial de aversão ao gênero é substituída por um reconhecimento do valor do rap como um potente veículo de mensagem, capaz de tocar e envolver os alunos. Essa mudança de perspectiva é crucial, pois demonstra que, ao invés de ignorar o que os alunos estão consumindo e, conseqüentemente, com o que estão se conectando, os educadores podem enxergar nesse gênero musical uma oportunidade de engajamento e de mobilização.

O relato de que um aluno de classe média, em uma escola particular de Santo André, se referiu ao rap como "uma puta mensagem" revela a surpresa de muitos educadores ao perceberem que o rap transcende barreiras sociais e pode ser apreciado por jovens de diferentes origens e classes sociais. Este comentário indica que, independentemente do contexto social do aluno, o rap carrega uma mensagem de reflexão sobre temas universais, como injustiça, desigualdade, opressão e resistência, que são capazes de despertar um forte interesse e empatia, não apenas entre os jovens das periferias, mas também entre aqueles que, a princípio, poderiam ser vistos como distantes dessa realidade. Ao perceberem esse potencial do rap, os educadores podem usá-lo como um recurso pedagógico para motivar os alunos a refletirem sobre questões sociais, a valorizarem a diversidade cultural e, ao mesmo tempo, a se engajarem com o conteúdo acadêmico de maneira mais crítica e reflexiva.

Em visitas às escolas periféricas de Belém, nos bairros do Jurunas, Cidade Velha e Terra Firme, pude observar que os alunos dessas escolas demonstram um bom interesse e

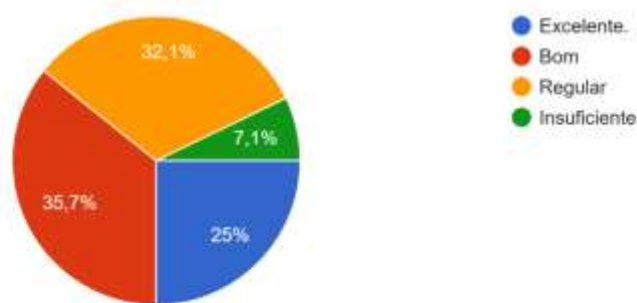
conhecimento sobre o rap e suas letras. Muitos deles compartilham um entendimento claro das temáticas abordadas nas músicas, evidenciando uma conexão significativa com o gênero. No entanto, é importante destacar que, apesar desse engajamento com o rap, vários alunos relatam que sua utilização nas escolas é limitada, sendo pouco explorada como ferramenta pedagógica ou de reflexão nos processos educativos.

O mesmo questionário aplicado buscou identificar o grau de apreciação dos alunos pelo rap e a relevância que atribuem ao rap como expressão cultural e ferramenta de aprendizado na formação crítica, os gráficos a seguir apresentam as respostas obtidas e destacam os pontos em comum entre as Escolas A, B e C, evidenciando a importância do rap como estratégia educativa.

GRÁFICO 11 - ESCOLA A

Considerando-se o seu gosto musical em relação ao gênero rap, você avalia como:

28 respostas

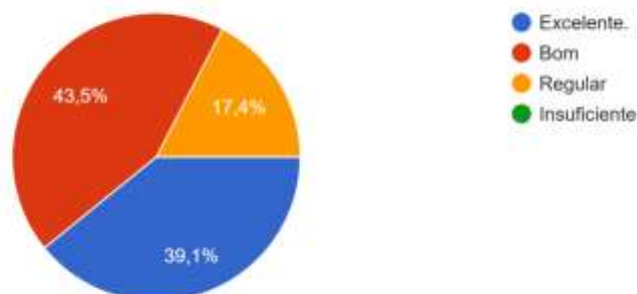


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 12 - ESCOLA B

Considerando-se o seu gosto musical em relação ao gênero rap, você avalia como:

23 respostas

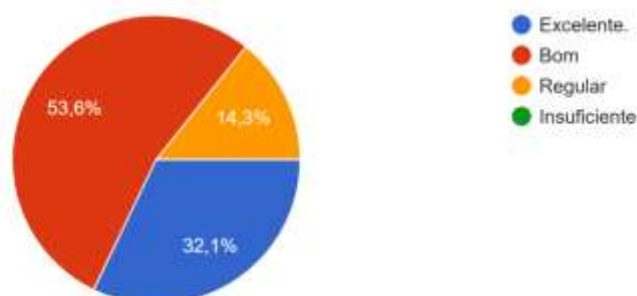


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 13 - ESCOLA C

Considerando-se o seu gosto musical em relação ao gênero rap, você avalia como:

28 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

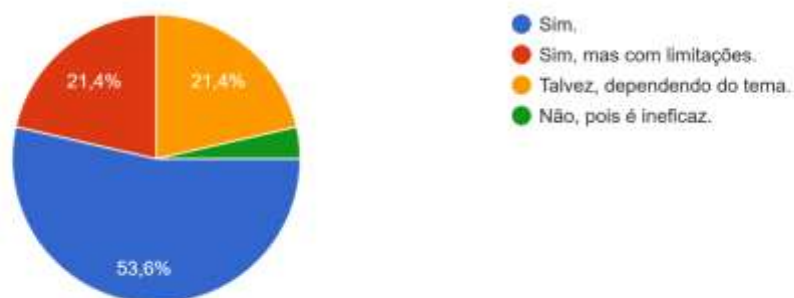
Os dados mostram que, independentemente das diferenças nas abordagens educativas os alunos de todas as escolas se sentem mais engajados nas aulas que incorporam elementos do rap. Isso sugere que o rap não é apenas visto como entretenimento, mas como uma forma pertinente de apoiar o aprendizado e abordar conteúdos curriculares. Nos gráficos os resultados como ‘bom’ e ‘excelente’ estão com as maiores porcentagens, o que indica que os alunos demonstram interesse e valorização do rap, reconhecendo sua relevância na educação e na formação.

Para compreender melhor a percepção dos estudantes sobre o papel do rap na educação, apresento abaixo os gráficos que ilustram suas opiniões sobre a eficácia desse gênero musical como instrumento de conscientização e aprendizado.

GRÁFICO 14 - ESCOLA A

Você acha que o rap pode ser uma ferramenta eficaz para abordar temas políticos, a desigualdade e discriminação étnico-racial na escola?

28 respostas

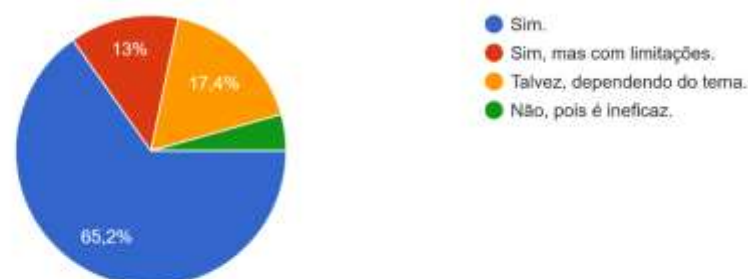


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 15 - ESCOLA B

Você acha que o rap pode ser uma ferramenta eficaz para abordar temas políticos, a desigualdade e discriminação étnico-racial na escola?

23 respostas

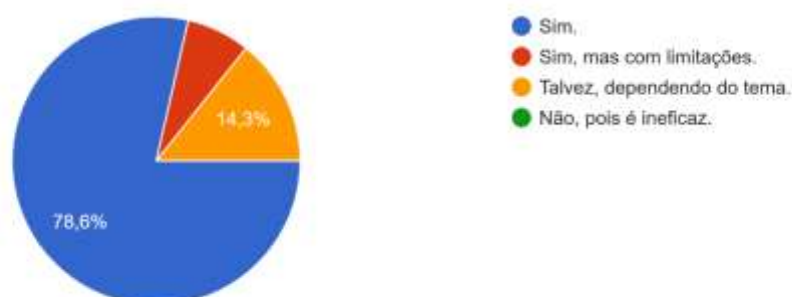


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 16 - ESCOLA C

Você acha que o rap pode ser uma ferramenta eficaz para abordar temas políticos, a desigualdade e discriminação étnico-racial na escola?

28 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Os resultados obtidos nas três escolas analisadas indicam uma forte aceitação do rap como ferramenta educativa para abordar temas políticos, desigualdade social e discriminação étnico-racial.

Na escola A, 53,6% dos alunos responderam positivamente à questão, demonstrando que uma parcela significativa reconhece o rap como um meio eficaz para tratar dessas temáticas. Já na Escola B, esse percentual foi um pouco maior, chegando a 65,2%, o que reforça a ideia de que o rap pode ser um instrumento relevante para promover discussões críticas dentro do ambiente escolar.

O destaque fica para a escola C, onde 78,6% dos alunos afirmaram que o rap pode ser utilizado para abordar esses temas. Esse índice mais elevado pode indicar uma maior identificação dos estudantes dessa instituição com o gênero musical ou um contexto educacional que favorece discussões sociais mais aprofundadas.

Uma observação importante nos gráficos é que nas respostas dos questionários teve participação de docentes, mas enfatizando que poucos tiveram o interesse de responder a pesquisa, sendo dois professores da Escola A e dois da Escola B, mas nenhum professor da escola C. Mesmo assim, os dados mostram que os alunos de todas as escolas, especialmente da Escola C, acreditam que o rap é uma boa maneira de falar sobre política, desigualdade e racismo.

Os próximos gráficos a seguir mostram como alunos e professores veem o impacto que o rap pode ter na formação crítica dos estudantes. Com base nessas respostas, podemos

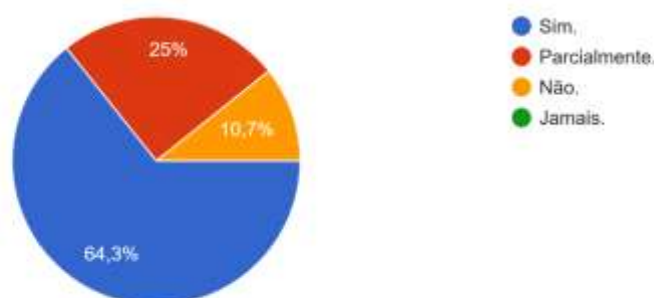
entender melhor como o rap pode ajudar os alunos a desenvolverem uma visão mais crítica sobre a sociedade, estimulando a analisar e questionar o que acontece ao seu redor.

A partir desses dados, vamos analisar as diferentes opiniões de alunos e professores, com o objetivo de ver como o rap pode ser usado de maneira eficaz na educação, ajudando a estimular discussões e reflexão sobre as desigualdades e problemas sociais.

GRÁFICO 17 - ESCOLA A

Você acha que por meio do gênero musical rap seria possível abordar temas relevantes para a conscientização e formação social crítica dos alunos?

28 respostas

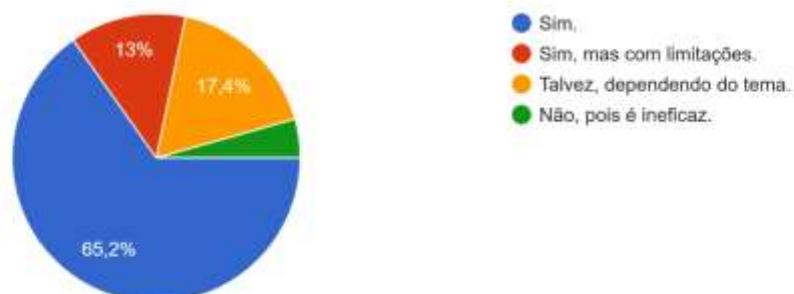


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 18 - ESCOLA B

Você acha que o rap pode ser uma ferramenta eficaz para abordar temas políticos, a desigualdade e discriminação étnico-racial na escola?

23 respostas

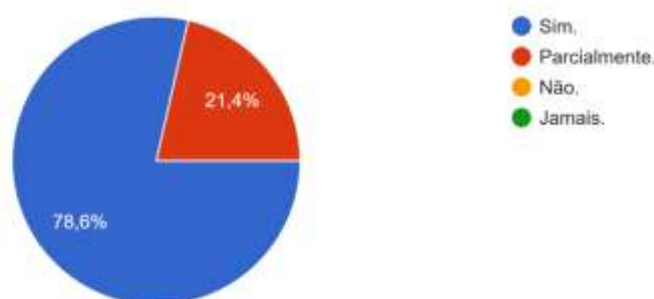


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 19 - ESCOLA C

Você acha que por meio do gênero musical rap seria possível abordar temas relevantes para a conscientização e formação social crítica dos alunos?

28 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Na Escola A, 64,3% dos alunos responderam "sim", indicando que a maioria acredita que o rap pode ser uma ferramenta útil para a conscientização e formação crítica. 25% responderam "parcialmente", mostrando que há um número considerável de alunos que veem o rap como uma opção válida, mas com algumas limitações.

Na Escola B, 65,2% dos alunos também responderam "sim", com 21,7% respondendo "parcialmente", evidenciando uma aceitação semelhante à da Escola A em relação ao rap como recurso pedagógico.

Por fim, na Escola C, a maior aprovação foi registrada, com 78,6% dos alunos dizendo "sim" e 21,4% respondendo "parcialmente". Esse resultado reflete uma percepção ainda mais positiva do rap como ferramenta de conscientização e formação crítica, o que pode estar relacionado a uma maior identificação com o gênero ou a um contexto escolar que favorece discussões sobre questões sociais.

Esses dados indicam que, de maneira geral, que os alunos e professores veem o rap como uma boa ferramenta para tratar de temas importantes para a formação crítica e a conscientização social na educação básica de jovens e adultos que estão inseridos nas escolas periféricas

Os dados coletados mostram que, independentemente das diferenças entre as escolas, o rap é bem aceito pelos alunos como ferramenta educativa. Eles se sentem mais motivados e engajados quando as aulas incluem esse gênero musical. Isso indica que o rap pode ser um recurso eficaz para tornar o ensino mais dinâmico e interessante, além de aproximar os conteúdos escolares da realidade dos estudantes.

Além disso, os resultados destacam a importância do rap na abordagem de temas sociais relevantes, como desigualdade, discriminação e política. O alto índice de aprovação pelos alunos sugere que esse gênero musical não é visto apenas como entretenimento, mas também como um instrumento para reflexão crítica e aprendizado.

Com base nesses resultados, é possível afirmar que o rap tem um grande potencial educativo. Ele pode ser utilizado como ferramenta de ensino para incentivar debates sobre questões sociais e estimular o pensamento crítico dos alunos. Isso também reforça a necessidade de os educadores explorarem novas metodologias que utilizem elementos da cultura juvenil para tornar o ensino mais envolvente.

Outra implicação importante é o reconhecimento da escola como um espaço de diálogo e construção de conhecimento. Se o rap é um recurso valorizado pelos alunos, sua inclusão em práticas pedagógicas pode contribuir para um ambiente escolar mais participativo e significativo para os estudantes.

Apesar das informações relevantes obtidas, algumas limitações devem ser consideradas. Uma delas é o baixo número de professores que participaram da pesquisa. Na Escola C, por exemplo, nenhum professor respondeu ao questionário, o que dificulta a obtenção de uma visão mais ampla sobre o tema.

Além disso, o estudo foi realizado em apenas três escolas, o que pode não representar a realidade de outras instituições de ensino. Para uma análise mais aprofundada, seria interessante expandir a pesquisa para um número maior de escolas e incluir mais professores interessados no levantamento.

Os resultados obtidos mostram que os alunos reconhecem o rap como um recurso educativo valioso. Sua presença nas atividades escolares aumenta o interesse dos estudantes e ajuda na discussão de temas importantes, como desigualdade social e política, além da formação do pensamento crítico das realidades que os cercam.

No entanto, para ampliar a efetividade do uso do rap na educação, é fundamental que mais professores participem dessas iniciativas e que novas pesquisas sejam realizadas para compreender melhor como esse gênero musical pode ser incorporado de maneira eficaz no ensino. Assim, o rap pode se consolidar ainda mais como uma ferramenta poderosa para o aprendizado e a conscientização social.

Dessa forma, fica evidente que o Hip Hop em Belém se desenvolveu partindo da influência norte-americana para se tornar um movimento cultural e socialmente relevante. Cresceu e se tornou mais do que um estilo musical, virou uma forma de expressão e resistência para os jovens da periferia. Começando com o breakdance, influenciado pelos

Estados Unidos, o movimento logo incorporou o rap como uma maneira de falar sobre a realidade das comunidades, abordando temas como desigualdade e violência.

O estudo também reforça o impacto do rap na educação, demonstrando que sua abordagem em sala de aula pode engajar os alunos e estimular uma consciência crítica sobre desigualdade, violência e identidade. Por fim, a pesquisa destaca a necessidade de maior abertura das instituições de ensino para incluir elementos da cultura juvenil no aprendizado. O rap, ao se consolidar como uma poderosa ferramenta de conscientização e empoderamento, pode ser um caminho para tornar o ensino mais significativo e acessível para os estudantes das periferias.

4 DESAFIOS E BARREIRAS INSTITUCIONAIS PARA A INCLUSÃO DO RAP NAS ESCOLAS PERIFÉRICAS

A escola é um dos principais espaços de formação social e cultural dos indivíduos. No entanto, os conteúdos ensinados nem sempre dialogam com as realidades e vivências dos alunos, principalmente aqueles que vivem em comunidades periféricas. Muitas vezes, a cultura juvenil dessas regiões é desvalorizada ou até mesmo ignorada no ambiente escolar. Um exemplo disso é o rap, um dos principais elementos do movimento hip-hop, que tem grande influência entre os jovens, mas ainda enfrenta resistência para ser reconhecido como ferramenta educativa.

O rap não é apenas um estilo musical. Suas letras abordam temas como desigualdade, racismo, violência, identidade e resistência, trazendo reflexões sobre a sociedade e promovendo a consciência crítica dos jovens. Através da rima e da poesia, o rap permite que os estudantes se expressem e se reconheçam, valorizando suas origens e vivências. Mesmo com esse potencial educativo, a inclusão do rap nos conteúdos curriculares das escolas públicas ainda enfrenta diversos desafios.

Entre os principais obstáculos para essa inclusão estão a Falta de políticas educacionais específicas, a resistência de gestores e diretores escolares e da formação adequada para os professores, que muitas vezes não sabem como trabalhar com esse tema em sala de aula. Além disso, há um preconceito enraizado contra o rap, que ainda é associado, por alguns setores da sociedade, à marginalidade e à violência. Essa visão estereotipada dificulta sua aceitação dentro da escola, tornando o ambiente de ensino distante da realidade dos estudantes.

Outro fator importante é a dificuldade na aplicação da Lei 10.639/03, que determina a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas. Como o rap tem raízes na cultura negra e aborda questões ligadas à população afrodescendente, sua presença no currículo escolar poderia contribuir para o cumprimento dessa lei.

No município de Belém, onde há um grande número de escolas públicas localizadas em bairros periféricos, esses desafios se tornam ainda mais evidentes. Muitos jovens se identificam com o rap e consomem suas músicas como uma forma de entender e expressar suas realidades. No entanto, o espaço para essa expressão dentro das atividades curriculares ainda é limitado, dificultando a aproximação entre escola e aluno.

O rap ainda enfrenta muita resistência porque muitas pessoas o associam à violência e à marginalidade. Isso faz com que gestores, professores e até familiares tenham dificuldade em aceitá-lo como uma ferramenta educativa. No entanto, essa visão não leva em conta o papel do rap como forma de expressão e reflexão sobre a realidade vivida por muitos jovens. Muitas letras de rap falam sobre problemas como racismo, desigualdade e violência, o que pode causar desconforto em algumas pessoas, segundo Rocha:

Apesar de serem vistos com suspeitas pela opinião pública, sendo acusados em alguns casos de incitar a violência em virtude da crueza das letras que cantam, muitas vezes, além de serem canais de denúncia da exclusão e da marginalização dos afro-brasileiros, empreendem ações que buscam solucionar os problemas que afligem esses grupos (Rocha, 2012, p.31)

A dificuldade de levar o rap para a sala de aula está ligada à sua visão Estereotipada, ao preconceito e ao desconhecimento sobre seu valor educativo. Essa visão está associada a um olhar mais à marginalidade, isso faz com que gestores, pais e até mesmo professores resistam à sua inclusão no ambiente escolar, perpetuando preconceitos e dificultando sua aceitação como ferramenta educacional.

Embora existam políticas como a Lei 10.639/03, que determina a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e africana, sua implementação ainda é um desafio. Muitas instituições educacionais resistem à aplicação dessa lei, seja por desconhecimento, falta de incentivo ou ausência de estratégias que viabilizem seu cumprimento.

Como o rap tem raízes na cultura negra, sua presença no currículo escolar poderia contribuir para o cumprimento dessa lei. No entanto, a falta de estrutura e de incentivo para que os professores abordem essa temática faz com que a lei muitas vezes não seja devidamente aplicada. “Muitas vezes a lei 10.639/03 não é cumprida na escola, e várias justificativas são dadas: falta de materiais disponíveis para consulta, falta de capacitação dos professores, falta de apoio das instituições” (Rocha, 2012, p. 44)

Assim, fica claro que, sem uma estrutura consolidada e sem diretrizes que incentivem o uso do rap como um recurso didático, sua presença nas escolas continuará dependendo apenas do esforço individual de alguns professores. Isso mostra a importância de criar políticas educacionais mais amplas, que não apenas garantam o cumprimento da Lei 10.639/03, mas também incentivem o reconhecimento do hip-hop como um elemento importante para ajudar os alunos a refletirem sobre a sociedade e desenvolverem um pensamento crítico.

Muitas direções escolares não enxergam o rap como uma ferramenta educativa, o que faz com que ele seja pouco explorado nas atividades pedagógicas. Essa falta de reconhecimento ocorre, em grande parte, por causa do preconceito e da visão estereotipada de que o rap está ligado à marginalidade e não ao aprendizado. Como consequência, diretores e gestores escolares não incentivam o uso dessa linguagem musical em sala de aula, tornando mais difícil sua inclusão no currículo.

Apesar de todas as vivências desses alunos percebo cotidianamente que existe uma relação conflituosa entre a escola e uma parcela da juventude, embora os alunos ressaltem a escola como uma facilitadora de oportunidades futuras e de acordo com o questionário 85% relatam que gostam de ir à escola. Muitas vezes as manifestações culturais próprias da juventude também são consideradas pela escola como “falta de cultura” (Rocha, 2012, p. 23).

A resistência por parte dos educadores muitas vezes se baseia em estereótipos negativos associados ao rap. Muitos professores e gestores acreditam que o gênero promove violência ou que suas letras são linguisticamente pobres, o que justifica sua exclusão dos conteúdos curriculares. dessa forma, estudos indicam que essa visão pode ignorar o potencial pedagógico do rap dentro do contexto educacional. Segundo Souza Pinto e Biazzo (2006 apud Da Fonseca, 2024, p. 30) “à crença generalizada entre os professores de que os rappers são —marginais e de que suas letras fazem apologia da violência. Parece ser também crença de grande parte do professorado que o rap não seria merecedor de ser incluído nos conteúdos de ensino”

O currículo escolar no Brasil tem sido historicamente estruturado a partir de uma perspectiva eurocêntrica, na qual a literatura clássica e os cânones acadêmicos dominam os conteúdos ensinados. Isso reflete um modelo educacional que prioriza produções culturais tradicionais e exclui manifestações contemporâneas oriundas das periferias urbanas

No modelo tradicional de ensino, apenas os grandes clássicos da literatura – como Machado de Assis e José de Alencar – são valorizados, enquanto produções culturais mais populares, como o rap, são deixadas de lado. Essa exclusão acontece porque muitas pessoas acreditam que só a cultura erudita tem qualidade e merece ser ensinada na escola.

Através desse breve percurso pelas teorias do currículo, fica patente que é nas teorias pós-críticas que o rap encontra sua melhor justificativa de inclusão. Isso porque os Estudos Culturais / Multiculturais / Interculturais não veem diferenças necessariamente qualitativas na contribuição que, em nível escolar, poderiam dar tanto as — grandes obras da literatura quanto as produções da cultura popular ou de massa, concebendo — a cultura como campo de luta em torno da significação social (Da fonseca, 2024, p. 115)

No entanto, as teorias pós-críticas não concordam com essa visão. Para elas, a cultura não é algo fixo e superior, mas sim um espaço de disputa, onde diferentes grupos lutam para que suas vozes sejam ouvidas e reconhecidas. Ou seja, a escola deveria considerar não apenas a literatura clássica, mas também produções culturais marginais como o rap.

Não existem diretrizes educacionais específicas que incentivem ou orientem de forma clara a utilização do rap como ferramenta pedagógica dentro das escolas. A ausência de políticas públicas voltadas para a valorização desse gênero musical no ensino formal faz com que sua inclusão dependa exclusivamente da iniciativa individual de educadores e gestores escolares. Rajagopalan (2006 apud Da fonseca, 2024, p.27)) afirma que, embora as escolas sejam geralmente resistentes a mudanças, elas ainda possuem pequenas aberturas que podem ser aproveitadas para trazer novas ideias e práticas de ensino. Essas aberturas são oportunidades para incluir conteúdos que questionam o que já está estabelecido e ajudam a tornar a educação mais diversificada e representativa das diferentes culturas. Moita Lopes (2006, apud Da fonseca, 2024, p. 27) complementa essa ideia ao dizer que a linguagem e as questões sociais são fundamentais para a formação de alunos e professores. Isso significa que a escola não deve ensinar apenas conteúdos tradicionais, mas também discutir assuntos que fazem parte da realidade dos estudantes.

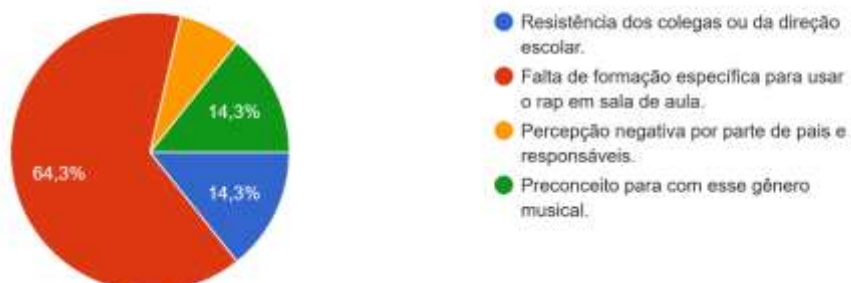
Serão apresentados, a seguir, os dados coletados por meio do questionário realizado em três escolas, com objetivo de identificar os principais desafios e dificuldades que impedem a inclusão do rap nas práticas pedagógicas escolares do ponto de vista dos próprios alunos e professores que estão inseridos no contexto escola periférico da cidade

As respostas obtidas oferecem uma visão direta sobre a percepção dos participantes em relação ao uso desse gênero musical no contexto educacional. Além disso, os dados revelam não apenas as barreiras institucionais e administrativas, mas também as concepções e possíveis resistências que influenciam o processo de integração do rap ao currículo escolar.

GRÁFICO 20 - escola A

Quais são, na sua opinião, os principais impasses que dificultam a inclusão do rap nas práticas pedagógicas?

28 respostas

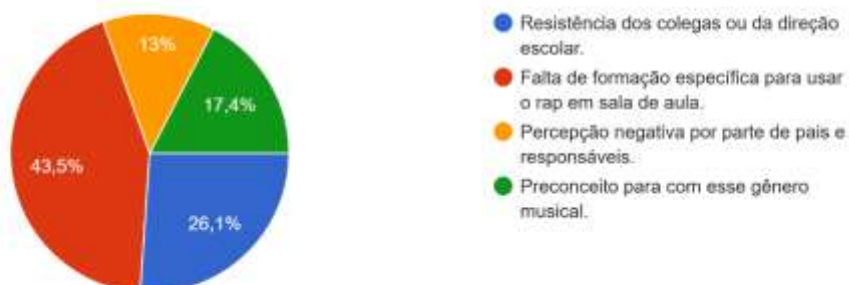


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 21 - escola B

Quais são, na sua opinião, os principais impasses que dificultam a inclusão do rap nas práticas pedagógicas?

23 respostas

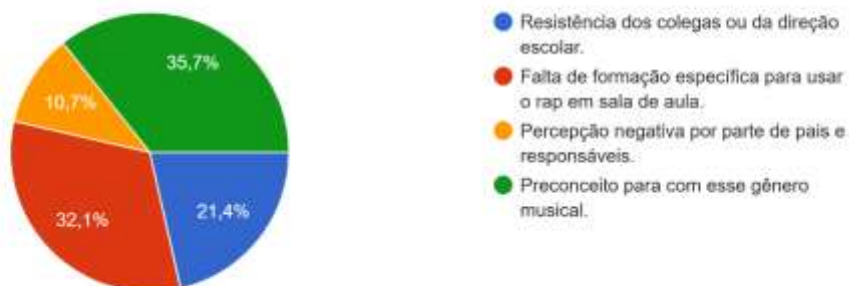


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

GRÁFICO 22 -Escola C

Quais são, na sua opinião, os principais impasses que dificultam a inclusão do rap nas práticas pedagógicas?

28 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A análise das respostas obtidas nas três escolas mostra diferentes opiniões sobre os impasses que dificultam a inclusão do rap como ferramenta pedagógica. Apesar das diferenças, é possível perceber padrões comuns entre as escolas, que revelam problemas ligados à formação dos professores, à resistência dentro da própria escola e ao preconceito sobre o rap.

Os gráficos expõem que a falta de formação específica para trabalhar o rap em sala de aula foi o impasse mais citado, principalmente na Escola A (64,3%), seguida pela Escola B (43,5%) e Escola C (31,1%). Esse dado mostra que muitos professores até reconhecem o valor do rap, mas não se sentem preparados para usá-lo em suas aulas. A ausência de materiais didáticos e orientações práticas faz com que os educadores não saibam como aplicar o rap de forma pedagógica. Essa falta de preparo acaba desmotivando os professores, que deixam de tentar usar o rap em suas atividades.

Outro ponto importante é a resistência de colegas e da direção escolar, apontada com maior frequência na Escola B (26,1%), mas também presente na Escola C (21,4%) e Escola A (14,3%). Essa resistência dentro da própria escola acontece porque muitos professores e gestores ainda têm uma visão tradicional da educação e acreditam que apenas conteúdos considerados “clássicos” têm valor.

A percepção negativa de pais e responsáveis foi menos citada, mas ainda apareceu nas três escolas (Escola B: 13%, Escola C: 10,7%, Escola A: 7,1%). Esses resultados indicam que alguns familiares ainda têm uma visão distorcida do rap, influenciados por preconceitos que associam o gênero à violência ou à criminalidade. Essa resistência familiar pode dificultar projetos extracurriculares ou ações que envolvam a comunidade.

A questão do preconceito contra o rap dentro da própria escola teve destaque, principalmente na Escola C (35,7%), seguida pela Escola B (17%) e pela Escola A (14,3%). Esse dado é preocupante, pois mostra que o rap ainda é visto por muitos professores, gestores e até alunos como uma forma de cultura inferior, sem valor educacional. Esse preconceito muitas vezes é disfarçado, mas está ligado a estereótipos racistas e elitistas que desvalorizam expressões culturais das periferias.

Esses resultados deixam claro que os principais obstáculos para incluir o rap nas práticas pedagógicas são uma combinação de problemas estruturais, como a falta de formação dos professores, e problemas culturais, como o preconceito dentro da escola e entre as famílias. Essa mistura de barreiras cria um ciclo em que a falta de preparo e o preconceito se reforçam mutuamente, mantendo o rap longe das salas de aula, mesmo com seu grande potencial de aproximar o ensino da realidade dos alunos.

Em suma, o rap, apesar de seu forte potencial educativo, enfrenta grandes barreiras para ser incluído nas práticas pedagógicas das escolas periféricas. Entre os principais desafios estão a falta de políticas educacionais específicas, o preconceito cultural e a resistência de gestores, professores e até familiares, que associam o rap à violência e à marginalidade. Além disso, a ausência de formação adequada faz com que muitos professores não saibam como usar o rap em sala de aula, mesmo reconhecendo seu valor para promover reflexões críticas sobre temas como racismo, desigualdade e identidade.

Outro ponto importante é a dificuldade das escolas em cumprir a Lei 10.639/03, que prevê o ensino da história e cultura afro-brasileira. O rap, como parte da cultura negra, poderia contribuir para essa aplicação, mas a falta de capacitação docente e o preconceito institucional impedem sua inclusão. A análise mostra que, sem políticas públicas mais claras e ações que desmistifiquem o rap, sua presença nas escolas continuará dependendo da iniciativa isolada de alguns professores, dificultando a criação de um ambiente educacional mais inclusivo, diverso e conectado com a realidade dos alunos.

CONCLUSÃO

Dessa forma, esta pesquisa buscou compreender como o rap pode ser utilizado como instrumento de reflexão crítica e ferramenta pedagógica nas escolas públicas periféricas de Belém. Ao longo do estudo, foi possível identificar que o rap, além de ser uma expressão cultural importante, tem grande potencial para aproximar o ensino da realidade dos alunos, abordando temas como racismo, desigualdade social e violência.

Os objetivos propostos foram atingidos, uma vez que a pesquisa investigou a origem histórica do rap, suas influências no Brasil e sua importância no contexto educacional. Também foram esclarecidos os problemas de pesquisa, destacando como os educadores percebem o rap em sala de aula, seu impacto no pensamento crítico dos alunos e as barreiras enfrentadas para sua inclusão nas práticas pedagógicas.

A metodologia qualitativa, com análise bibliográfica, documental e aplicação de questionários, mostrou-se adequada para captar as percepções de professores e estudantes, fornecendo uma visão aprofundada sobre a relação entre rap, educação e cultura periférica. O uso de fontes históricas foi essencial para contextualizar a trajetória do rap e sua importância como movimento de resistência e conscientização social.

Entretanto, algumas dificuldades foram encontradas durante a pesquisa, como a baixa participação de professores nos questionários e a resistência de algumas escolas em adotar o rap como recurso pedagógico. Esses desafios evidenciam a importância de capacitar os educadores e incentivar práticas que valorizem a cultura popular no ambiente escolar.

A pesquisa também se mostrou relevante para a disciplina de História da Educação Brasileira e da Amazônia (HEBA), ao demonstrar como o rap pode contribuir para uma educação mais crítica e conectada com as vivências dos alunos, especialmente em áreas periféricas. O estudo reafirma que a escola deve ser um espaço que dialoga com a realidade dos estudantes, integrando expressões culturais que representam suas experiências e suas vozes.

Conclui-se, portanto, que o rap é mais do que um gênero musical: é uma ferramenta educativa importante na sociedade, capaz de promover o pensamento crítico e estimular o protagonismo juvenil. Sua inclusão nas práticas pedagógicas pode tornar o processo de ensino mais significativo, aproximando os conteúdos escolares da realidade dos alunos e contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos. Recomenda-se,

assim, que as escolas invistam em projetos que integrem o rap ao currículo e promovam o diálogo entre cultura, educação e sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. M. Repensando o ensino de História através da cultura hip hop: experiências pedagógicas em escolas da Região Metropolitana de Belém-PA (2019-2020). **bbca@ufpa.br**, 14 jan. 2021.

FONSECA, Ana Silvia Andreu da. **Versos violentamente pacíficos: o rap no currículo escolar**. 2011. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2011.796126>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SOUZA, Gabriel Delphino Fernandes de. O Rap como Pensamento Político Brasileiro. **Revista Escrita**, v. 2020, n. 27, 2020.

FERREIRA, Leila Cristina Leite; SALDANHA, Carla Marinho Figueiredo. **Preto Michel: um jovem entre a literatura marginal e o hip hop em Belém do Pará**. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Carla%20Figueiredo%20Marinho%20Saldanha%20-%201020687%20-%203979%20-%20corrigido.pdf

GUIMARÃES, Larissa Pinto Reis. **Da origem do rap a denúncia cantada nas letras do rapper Djonga**. 2023. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/22198/1/LPRGuimar%20c3%a3es.pdf>.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cadernos CEDES**, v. 22, n. 57, p. 63-75, ago. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-32622002000200005>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MATOS, Nayara; BARONI, Patricia Raquel; COELHO, Gustavo. LITERATURA MARGINAL PERIFÉRICA E FORMAÇÃO. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 2, p. 1-20, 31 ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i2.67274>. Acesso em: 1 jul. 2024.

PEREIRA, Cilene Margarete. O Corpo Político do Rap: espaço de resistência. **Verbo de Minas**, v. 21, n. 38, p. 86-104, 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/2618/1775>. Acesso em: 2 jul. 2024.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Editora 34, 2017.

RIBEIRO, Alan; SILVA, Michael. Da literatura ao rap. **Revista Ñanduty**, v. 9, n. 14, p. 92-114, 15 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/nty.v9i14.15892>. Acesso em: 2 jul. 2024.

ROCHA, T. V. P. Rap em sala de aula: possibilidades de implementação da lei 10.639/03. **repositorio.ufmg.br**, 14 jul. 2012.

SOCIAL, diversidade e inclusão. O hip hop em Belém do Pará: um movimento de educação. **Universal Zulu Nation Brasil**. Disponível em: <https://secure.smores.com/n/rt27b-universal-zulu-nation-brasil>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SPOTIFY. **Spotify — For the Record**. Disponível em <https://newsroom.spotify.com/2023-08-10/quase-um-quarto-de-todos-os-streams-no-spotify-sao-para-o-hip-hop-os-editores-globais-do-spotify-refletem-sobre-o-crescimento-do-genero/>

Terra - Notícias, esportes, coberturas ao vivo, diversão e estilo de vida. Disponível em: <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/rap-cresce-25-em-streams-e-40-em-buscas-no-spotify-ano-a-ano,fc92200354a38279fcbb4fc440c3f2805k5fcjj6.html>

ANEXOS

00/05/2025, 11:07

www.evan3.com.br/participante/impressao/impressaoCartadeAceite?code=1098193


O trabalho intitulado O RAP COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO E PENSAMENTO CRÍTICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS PERIFÉRICAS DE BELÉM, ESTADO DO PARÁ, de autoria de FRANKLIN MAUÉS DA COSTA e Paulo Sérgio de Almeida Correa foi aprovado na modalidade Resumo Expandido, para apresentação no evento XV FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA – XV FIPED a ser realizado de 28 de maio de 2025 a 30 de maio de 2025.

SERRA TALHADA-PERNAMBUCO-BRASIL

 AINPGP - fiped@ainpgp.org

Data do Aceite: 20/04/2025



O RAP COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO E PENSAMENTO CRÍTICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS PERIFÉRICAS DE BELÉM

Autor: Franklin Maués Da Costa

Orientador: Professor Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa

Avaliadora: Professora Eliana da Silva Felipe

Conceito: Excelente

O trabalho intitulado o Rap como instrumento de reflexão e pensamento crítico nas escolas públicas periféricas de Belém visou "compreender a origem histórica do Rap, as influências exercidas no contexto brasileiro e sua importância pedagógica na formação do pensamento crítico de jovens e adultos das escolas públicas periféricas localizadas no município de Belém, Estado do Pará". Este objetivo foi delimitado em várias questões, a saber:

- ✓ Como se originou o rap enquanto gênero musical e quais as suas principais influências no Brasil?
- ✓ Qual é a compreensão dos educadores das escolas periféricas de Belém em relação ao papel do rap como instrumento para promover reflexão e pensamento crítico entre os alunos?
- ✓ Como as letras e temáticas das músicas de rap influenciam a conscientização social dos alunos das escolas periféricas de Belém em relação a questões como desigualdade, discriminação, violência e justiça social?
- ✓ Quais são os principais desafios enfrentados para assegurar a inclusão do rap como conteúdo das atividades curriculares realizadas nas escolas públicas periféricas do município de Belém?

Para construir respostas a essas questões o autor utilizou fontes bibliográficas e documentais, além de ter aplicado um formulário eletrônico com perguntas fechadas, delimitando-se sua abrangência no período de 1970-2024.

O autor expôs o seu percurso de investigação em 3 seções: 1) origem histórica do Rap e suas influências no Brasil; 2) Ritmo e poesia como ferramenta pedagógica: o papel dos educadores na inclusão do Rap; 3) A poderosa ferramenta de conscientização social: o Rap e desafios e barreiras institucionais para a inclusão do Rap nas escolas periféricas.

A conclusão a que chega o autor é de que o rap não se reduz a um gênero musical. Por abordar temas como temas como desigualdade, racismo, violência, identidade e resistência ele é "uma ferramenta educativa importante na sociedade, capaz de promover o pensamento crítico e estimular o protagonismo juvenil. Sua inclusão nas práticas pedagógicas pode tornar o processo de ensino mais significativo, aproximando os conteúdos escolares da realidade dos alunos e contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos".

Avalio que os objetivos anunciados foram alcançados e que a metodologia foi adequada ao empreendimento investigativo a que o autor se propôs. O trabalho possui originalidade, o que não é uma exigência para cursos de graduação, relevância social e acadêmica, por evidenciar: 1) Os desafios e barreiras institucionais para a inclusão do Rap nas escolas periféricas e 2) As

possibilidades acadêmicas do Rap na construção de uma pedagógica crítica e comprometida com a transformação social, movimentando na dialética denúncia e anúncio.

Quanto ao texto tenho algumas observações. O resumo informa que: "Este artigo visou compreender a origem histórica do rap, as influências exercidas no contexto brasileiro e sua importância pedagógica na formação do pensamento crítico de jovens e adultos das escolas públicas periféricas localizadas no município de Belém, Estado do Pará"

O gênero acadêmico em que o trabalho se inscreve é o monográfico, pela extensão, pelo conteúdo e pelos elementos pré-textuais. Portanto, é necessário observar a estrutura deste gênero. No caso de textos monográficos, dispensa-se o resumo.

Parabenizo o autor, Franklin Maués da Costa e seu orientador, Professor Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, reconhecendo neste trabalho o compromisso com a qualidade acadêmica e com uma ciência como instrumento de luta política, o que honra a missão institucional da Universidade Federal do Pará, do Iced e da Faed.

Belém, 10 de abril de 2025.

Professora Eliana da Silva Felipe